

DOCE FEITIÇO

Abel Teixeira Alves



DOCE
FEITIÇO



JOSÉ MELO

Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA

Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

Secretaria-Executiva

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Diretor do Departamento de Literatura

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br



PROARTE
LETRATURA

ABEL TEIXEIRA ALVES

DOCE

FEITIÇO

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2014

EDITOR **ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **JEORDANE OLIVEIRA DE ANDRADE**

CAPA **ÂNGELO LOPES**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **ANDRÉ MARTINS**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA **GRÁFICA ZILÓ LTDA.**

REVISÃO **SERGIO LUIZ PEREIRA**

NORMALIZAÇÃO **EDIANA PALMA**

A474d Alves, Abel Teixeira.

Doce feitiço. Abel Teixeira Alves. – Manaus:
Governo do Estado do Amazonas – Secretaria
de Estado de Cultura, 2014.

122p. ; 15x21cm. – (Coleção PROARTE Literatura)

ISBN 978-85-65409-49-0

1. Literatura Brasileira – Poesia. 2. Poemas
Amazonenses. 3. Natureza – Preservação.
4. Amazonas. I. Título. II. Série.

CDD 869.1

CDU 82-1(811.3)

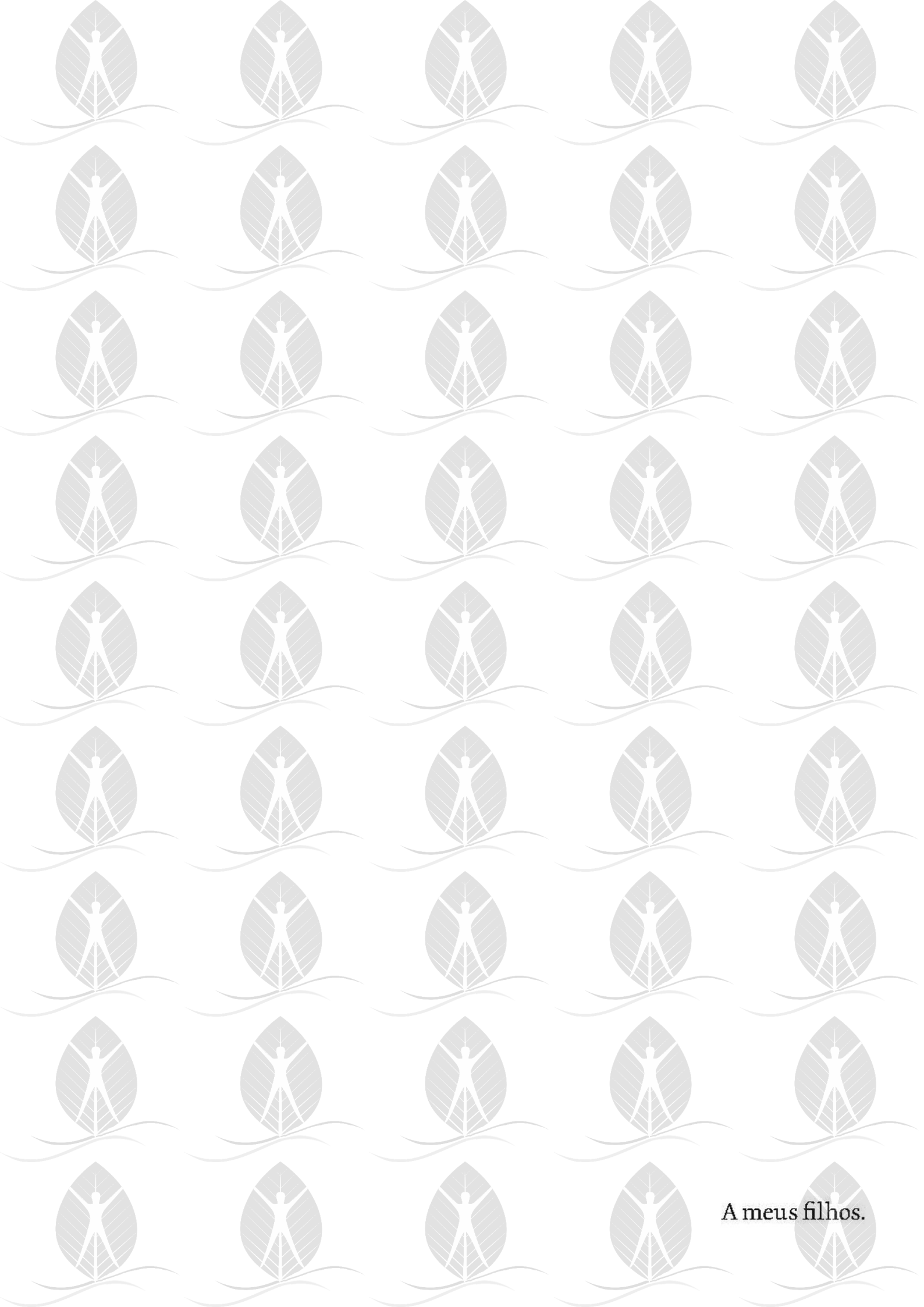
2014

EDITORA ZILÓ

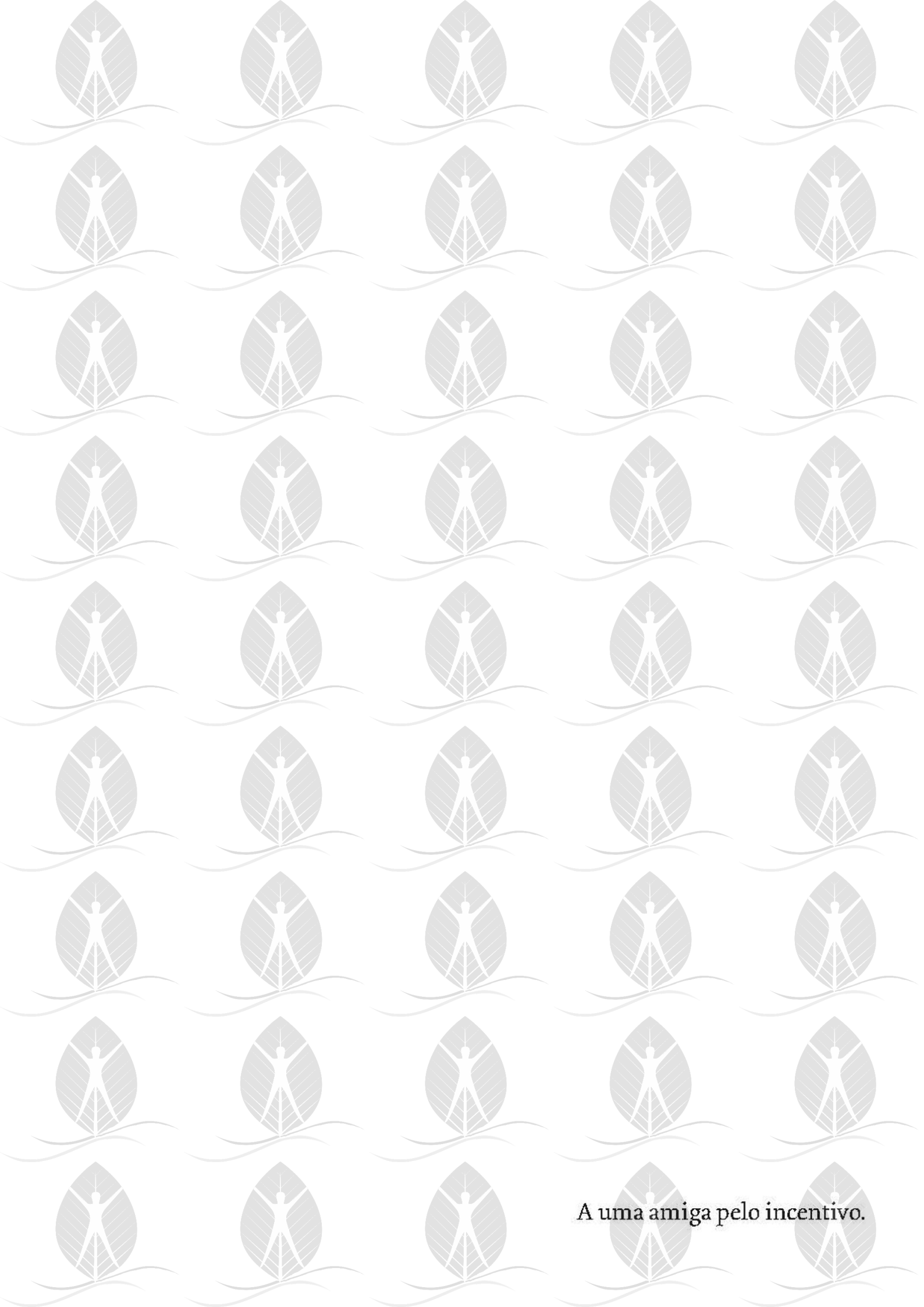
Rua Ilídio Lopes, 82 - Japiim, AM, 69078-530

Tel.: [92] 2126-2300

WWW.GRAFICAZILO.COM.BR



A meus filhos.



A uma amiga pelo incentivo.

SUMÁRIO

Apresentação	11
Do autor	13
DOCE FEITIÇO	19
Feitiço da selva	21
O Negro e o Solimões	29
Linda flor que outrora vi	31
À beira do Lumege	32
A flor do bosque	33
A lágrima que juro beijar	35
A minha terra é bela	36
A morte do poeta	39
Meu mal e desventura	40
Minha alma chora	41
Fantasia	43
É tarde!... ..	44
Após, senhora, súbito sumiço	47
Aquele beijo	48
Basta!... ..	49
Do mal que ora padeço	50
Efêmera ventura, triste fado	52
O dom divino	53
O trom e a ventania	58
Os prazeres de Ana	59
À tua meiguice	60
A uma amiga - minha flor -	61

À gentileza de uma amiga que por trovador me tomou	64
A uma certa mulata	66
Amor que por si só se acrescenta	74
Quando eu partir... ..	75
Sombras da noite	76
Dizem-me que é cego o amor	77
Se de amor eu te falasse... ..	79
Senhora, ao mote rudo a consolar-vos	80
Vi-te, doce, daquela vez primeira	81
Teus olhos azuis, teu cabelo louro	82
Se pecado cometi, a favor de certa dama	83
Por mim falam as flores	84
Paixão nascente	85
Prantos a meu pai	87
Cantares de esperança	88
Ao puro amor	90
As minhas flores preferidas	92
Conhecer-te, amor meu, já nesta idade	96
Mágoas cruéis e sempre vivas	97
Na campa de um amigo	98
Quando eu me for... ..	100
Na ponte do Lumege, o beijo que não te dei	101
Quando tomado sou pela saudade	106
No ápice de um momento	107
A flor da selva	108
A saudade que me mata	110
Amazônia	112
Não chores, amiga, do poeta a sorte	114
Selva, amizade e poesia	115
Cicatrizes	117
A meu primo irmão Abel Alves Pinto	118
O perdão	119



APRESENTAÇÃO

O conhecimento é um caminho de construção coletiva onde cada um contribui com o seu punhado de experiências para juntos seguirmos adiante nesta longa estrada da evolução. Temos o privilégio de crescer em uma região rica culturalmente e fonte pujante de Saber, essencial para a produção cultural, artística e científica. Somente através do conhecimento o amazonense poderá compreender seu ambiente e transformar a sua realidade. Conhecer não é apenas necessário, é vital.

José Melo
Governador do Estado do Amazonas

DO AUTOR

Abel Teixeira Alves, português, filho de Adelaide Teixeira Alves e de José Augusto Alves, nasceu a 5 de maio de 1948, bem no coração de Trás-Os-Montes, no distrito de Vila Real, concelho de Valpaços, freguesia de Santa Valha.

Em Santa Valha, localidade remota e detentora de valioso espólio por onde, outrora, a peregrinação jacobea passava e buscava alento.

Desde tenra idade, quiçá sinais já de vocação poética, Teixeira Alves, nome com o qual assina seus poemas, sente a saudade dos afrescos da capela e guarda na memória o mistério do cemitério da sua terra natal:

“Tão petiz e já me adeja
Da senda o arcano mistério,
Afrescos da antiga igreja,
E os portões do cemitério”

Teixeiralves

In “A MINHA TERRA É BELA”

Muito cedo, a literatura infantil se tornou relevante ao despertar-lhe o gosto e o interesse pela leitura e escrita e em proporcionar-lhe questionamento e reflexões para satisfação da curiosidade própria da sua idade, no que foi sempre estimulado e incentivado pela família.

Nasceu em Portugal mas foi em Angola, país onde cresceu e viveu até 1975, que concluiu as suas habilitações literárias equivalentes ao Ensino Médio.

A sua infância, passada na Lunda, Norte em Angola, mais precisamente na Companhia de Diamantes de Angola, foi farta em brincadeiras à sombra das mangueiras mas a proximidade com a Natureza, através das plagas angolanas, cultivou-lhe o gosto pelo agreste e o respeito à mãe natura:

“Amor assim também primo,
A Dundo, Andrada e Saurimo,
Onde a Lunda mais sorriu”.

Teixeiralves

In “SAUDADES DA MINHA TERRA”

Em Luanda, cidade onde viveu na adolescência, revelou-se um estudioso entusiasta, dedicando-se ao aprendizado da área do conhecimento de seu interesse – a poesia.

Cumprido o serviço militar no Leste de Angola, lá permaneceu como civil, por mais cinco anos, atraído pelas imensas anharas fervilhantes de fauna incomum e pela simplicidade dos povos da região:

“ Minha terra eu vou cantar,
Ao noto e ao bóreas gritar,
O que à minha mente vem...
Não é berço onde nasci,
Mas a terra em que cresci,
A Pátria que amo também!”

Teixeiralves

In “SAUDADES DA MINHA TERRA”

A simultaneidade de vivências, umas agradáveis e emotivas, outras amargas de tão cruéis, nunca lhe subtraíram o gosto em cantar as belezas da Terra.

A saída forçada e também apressada desse país em guerra contribuiu para que tudo o que havia escrito até 1975, irremediavelmente, ficasse perdido.

Ainda em 1975, emigra para o Brasil onde refaz a sua vida com grande esforço e determinação e é onde canta a beleza selvagem amazônica.

“Cesse-me cansaço e andança,
Que veio a Selva à lembrança,
E dela clama a saudade...
Calem-se dor e tormentos,
No bulir dos sentimentos,
Que o sentir faz a vontade”.

Teixeiralves

In "FEITIÇO DA SELVA"

Cedo, começa a formar a sua própria biblioteca. Consulta enciclopédias, dicionários, faz levantamentos bibliográficos, frequenta outras bibliotecas buscando informação através de pesquisa em arquivos e em publicações específicas. Para si, o livro sempre foi a fonte preferencial para aquisição e aprofundamento de novos conhecimentos. Usa também a internet, por ser um meio que coloca à disposição vastíssima informação sobre áreas de interesse geral e do seu, em particular.

Curioso, determinado, metódico, disciplinado, por excelência, não mais abandona a busca pelo autoconhecimento, pelo querer saber mais. É um autodidata.

Lê muito e elege os poetas da sua preferência, entre eles: Luís de Camões, Fernando Pessoa, Olavo Bilac, Virgílio, Garcilaso, Fray Luís, São Juan de la Cruz.

Quanto à sua personalidade, relevo muito especial para a extraordinária sensibilidade, generosidade, delicadeza e solidariedade. A Paz, o Amor, a Verdade e a Retidão são os pilares de Valores, essenciais no seu conceito de Vida.

Na variedade e forma estróficas que cultiva e apresenta na sua obra, não transparece apenas inspiração privilegiada e invulgar, sobressaem também a criatividade e excelente estrutura enfatizando a natureza, o amor, a vida e a morte.

Ao longo da sua vida, escreveu só para si e para sua satisfação pessoal. Porém, incentivado por familiares e amigos, participou em quatro concursos de poesia nos quais os seus poemas foram distinguidos com três primeiros prêmios e uma menção honrosa.

Com a publicação do seu primeiro livro “DOCE FEITIÇO” pretende dar a conhecer a sua obra e ainda prestar o seu contributo pedagógico à comunidade em geral: promover o gênero literário a que se dedica.

Tem como principal objetivo: motivar e despertar para o hábito de ler poesia e incentivar a produção poética. Pretende ainda realçar a importância da poesia no desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas básicas; favorecer múltiplas inteligências no processo criativo-interpretativo.

Os poemas apresentados incluem temas variados: expressão de sentimentos, estados de alma e valorização da realidade cultural da Amazônia.

O autor manifesta o seu fascínio pela Natureza e sua preservação, bem como pela especificidade da realidade antropológica do Estado do Amazonas. Mais uma vez, a proximidade e a simultaneidade de vivências cultivaram-lhe o gosto e sobretudo o respeito pela beleza amazônica:

“ Mas um dia virá
Que esta terra terá,
Só paz e amor.

Mas um dia virá
Que esta terra terá,
Só paz e amor”.

Teixeiralves

In “CANTARES DE ESPERANÇA”

Os textos poéticos apresentam uma estrutura formal diversificada em que a riqueza linguística, a ambiguidade/polivalência, musicalidade, ritmo e melodia rompem frequentemente com as normas instituídas. Esta ruptura contribui para a instauração de novos campos semânticos, conduzindo o leitor numa “aventura” empolgante, viagem ritmada através do texto.

Como última intenção, mas não menos importante, pretende o autor abrir perspectivas para melhorar e compreender o Mundo, transformar a existência e referências, de modo a que a flexibilidade passe a integrar as competências sociais de cada ser humano. Só assim, no seu “olhar”, o Mundo poderá tornar-se melhor:

“Exultante, a natureza,
Mais exulta ao nos brindar,
Com este éden singular,
De tão singular beleza;

Do capricho divinal,
Que assim mais se manifesta,
A amazônica floresta,
E santuário tropical”;

Teixeiralves

In “AMAZÔNIA

Maria Manuel Campos



DOCE
FEITIÇO

FEITIÇO DA SELVA


Nas vozes da floresta,

os sons doces da celesta
e um hino à passagem fugace:
“Requiem aeternam dona eis”;
E por epitáfio, simples-
mente: “requiescat in pace”.

Cesse-me cansaço e andança,
Que veio a Selva à lembrança,
E dela clama a saudade...
Calem-se dor e tormentos,
No bulir dos sentimentos,
Que o sentir faz a vontade.

Quedo, triste e combalido,
De mera andança aborrido,
Por horas de soledade;
E em sereno, claro dia,
Dou asas à fantasia,
E do sonho à realidade.

Parte dum mundo encantado,
A Selva é sonho dourado
E do agreste a divindade;
Berço de paz e harmonia,
Onde purgo na poesia,
Os males da humanidade.




Doce enlevo de momento,
Em que simples pensamento,
Eleva a alma à euforia;
E na paixão deste ensejo,
Ouço da Selva o solfejo,
Sinto no ar doce harmonia.

Devaneio da paixão,
Fiz meu guia o coração,
E na mata ousei entrar;
Nos límbicos arvoredos,
Dissiparam-se-me os medos,
Mil razões de prantear.

Das ramas encarquilhadas,
Os “ais” das folhas pisadas,
Fizeram-me despertar;
E da Selva enamorado,
Meu espírito ufanado,
Vê-se ao éden arribar.

Santuário da vida, ornado,
Onde arisco pasta o Veado,
E a Paca corre ligeira,
Sussurra a brisa baixinho,
O suave murmurinho,
Dos murmúrios da cachoeira.

Dessa cachoeira fremente,
Que sobre o leito indolente,
Em lamúrias se transforma,
Como cântico plangente,
Que ressoa elanguescente,
Levado na aragem morna.



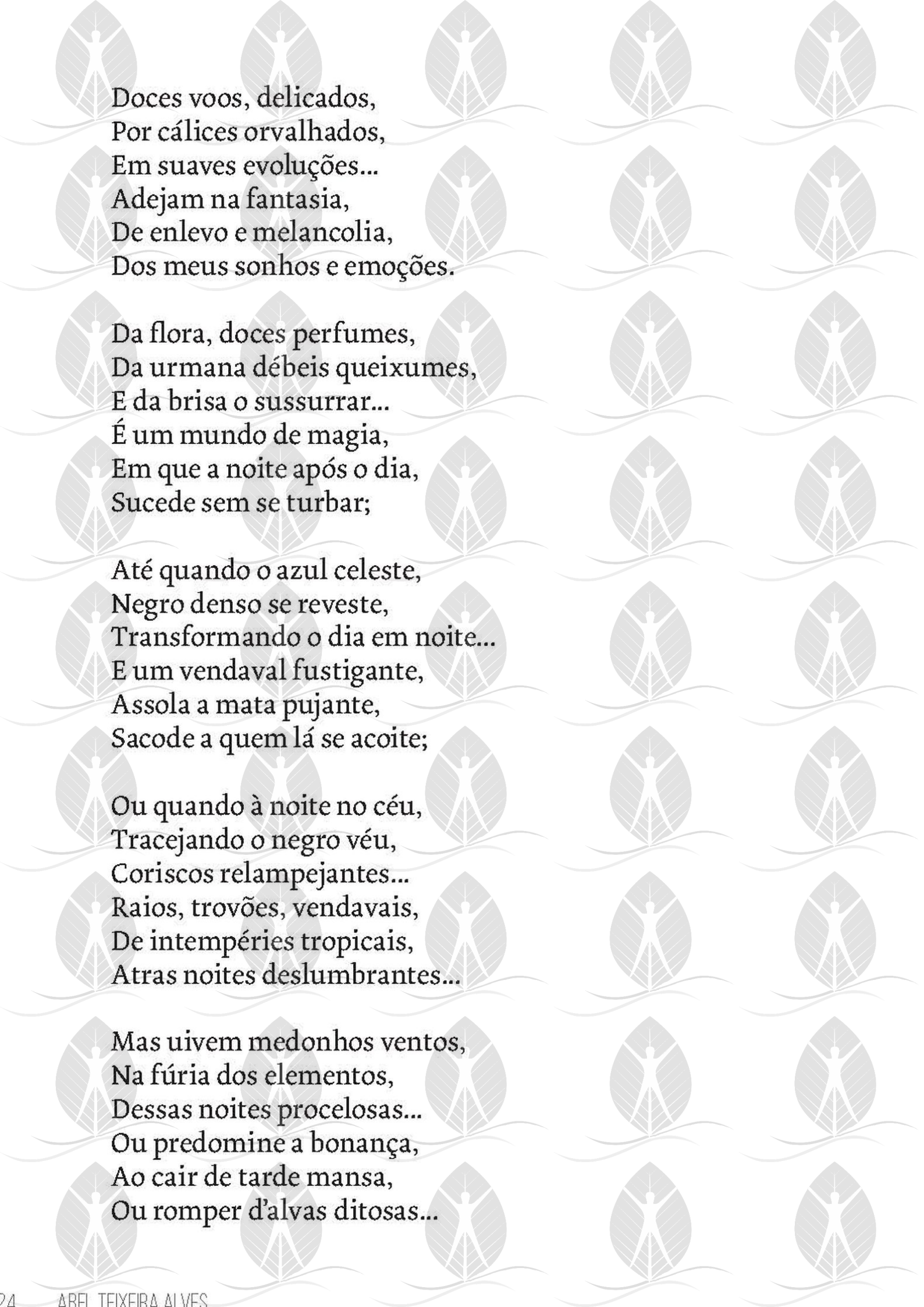
Dessa cachoeira fremente,
Que sobre o leito indolente,
Lágrimas doces despenha,
E a brisa espalha e ressoa,
Canto plangente que soa,
Através da densa brenha.

Do cume brotam as águas,
Que ao cair choram as mágoas,
Sofridas no caminhar...
E depois em alvo leito,
Cada vez menos estreito,
Deslizam a murmurar;

Brincam entre seixos brancos,
Cavalgam rugosos bancos,
Sob a sombra das copadas...
Estas abrem-se frondosas,
Sobre as alfombras viçosas,
E das águas margeadas;

E nas beiradas umbrosas,
Fronde tremulam viçosas,
No afagar da morna aragem;
Do viço traz-me os perfumes,
Traz da cachoeira os queixumes,
Traz-me esse gosto selvagem!

Perfumes hauri das flores,
Das orquídeas multicores,
Balançadas pelo sopro,
Do fino e suave arejar,
Que afagava no voejar,
Da borboleta, hábil corpo.




Doces voos, delicados,
Por cálices orvalhados,
Em suaves evoluções...
Adejam na fantasia,
De enlevo e melancolia,
Dos meus sonhos e emoções.

Da flora, doces perfumes,
Da urmana débeis queixumes,
E da brisa o sussurrar...
É um mundo de magia,
Em que a noite após o dia,
Sucedem sem se turbar;

Até quando o azul celeste,
Negro denso se reveste,
Transformando o dia em noite...
E um vendaval fustigante,
Assola a mata pujante,
Sacode a quem lá se acoite;

Ou quando à noite no céu,
Tracejando o negro véu,
Coriscos relampejantes...
Raios, trovões, vendavais,
De intempéries tropicais,
Atras noites deslumbrantes...

Mas vivem medonhos ventos,
Na fúria dos elementos,
Dessas noites procelosas...
Ou predomine a bonança,
Ao cair de tarde mansa,
Ou romper d'alvas ditosas...




Luma reine ou Febo ardente,
Sobre a natura florente,
Não perde a selva a pujança;
E quem folga com tudo isso,
Envolve-o doce feitiço,
A cada passo que avança.

Sente-se o doce feitiço,
Nos platôs ou alagadiço,
Onde a serpente rasteja.
Mas igual não vê ninguém,
Que o “encontro das águas” tem,
E o próprio esplendor festeja.

Nesse doce mar ingente,
De tremulina esplendente,
O mítico paira no ar.
Entre a Piranha e o Jarú,
Reina o Jacaré-açu,
Ignavo no doce mar.

Sente-se o doce feitiço,
Do Boto namoradoço,
Nas praias enluaradas.
De branco linho e galante,
Atrai sedutor amante,
Às donzelas deslumbradas.

E quando o Nambu já pia,
Na aurora ou no fim do dia,
E cala-se o bem-te-vi,
Ouve-se o cantar sentido,
De nostálgico gemido,
No arrulo da Juriti.




Depois, com o Sol a pino,
No abrasante vespertino,
A indolência é geral.
Embala a rede o gentio,
Que o alimento é rancherio,
Do bioma tropical.

Lá no alto do buriti,
A salvo da Sucuri,
Araras fazem os ninhos.
E nos platôs e pauis,
Onças, Antas, Jabutis,
Queixada e Porcos-espinhos.

Primatas e marsupiais,
No verdoso ou manguezais,
Em tudo sinto o feitiço.
Da borboleta o c'lorido,
Das orquídeas o florido,
Da natura todo o viço.

Das folhas esverdeadas,
Que das franças elevadas,
Culminam frondosos lenhos;
E até das esmaecidas,
Que Zéfiro as fez caídas,
Em ondulantes despenhos;

E nas manhãs o rociar,
De aljôfres a cintilar,
Cobre toda a ramaria...
Como lágrimas candentes,
De carpidos transcendentés,
Em albores de poesia.




São auroras lacrimosas,
De virginais belicosas:
As “amazonas guerreiras”!
Nas pelejas são virago,
Mas no amor o doce afago,
De gozos e brincadeiras;

São o encanto duma crença,
Do esconso da brenha imensa,
Onde esqueço a realidade...
Das mazelas e vaidades,
Perfídeas e tempestades,
Insânia da humanidade.

É a selva o meu tugúrio,
E da natura, o murmúrio,
Música pra meus ouvidos;
E o espírito visagento,
Em cada sopro de vento,
Protege dos desmedidos.

Desse verdor infinito
E do vento sem agito,
Que vem meu rosto beijar,
E junto com seus queixumes,
Da selva traz os perfumes,
Que me fazem inebriar...

De tantos e tais encantos,
Carpindo velados prantos,
A minha alma foi tocada;
E cercada de harmonia,
Da natureza a poesia,
Intumesce enfeitiçada!



Então deste mar de eflúvio,
Hei fazer postremo efúgio,
Sob pálido lucilar...
E da Selva como túmulo,
Pardacentos nimbo-cúmulo,
Minha laje tumular.

O NEGRO E O SOLIMÕES

No mar de verde natura,
Deste bioma tropical,
Um outro mar sem igual,
Cobre a pródiga lonjura.

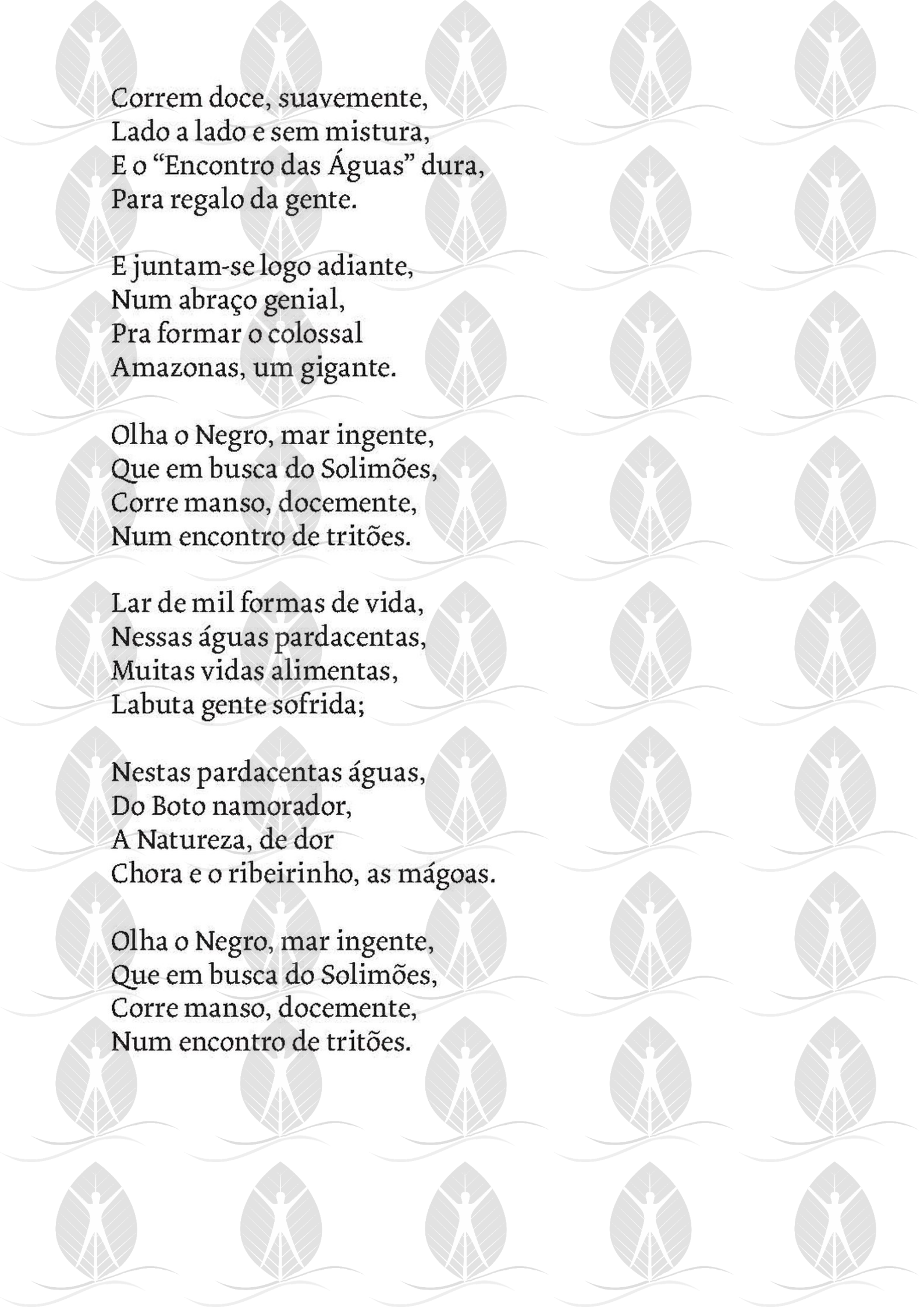
Selva e água, terra e o etereal,
Em perfeita sincronia,
Na Universal harmonia,
Louvam a obra celestial.

Olha o Negro, mar ingente,
Que em busca do Solimões,
Corre manso, docemente,
Num encontro de tritões;

Ingente e estranha beleza,
O doce mar serpenteia,
Por entre os sulcos na areia,
E o verde da natureza;

E num mundo de tritões,
Formam caudal assombroso,
O Negro preguiçoso
E o barrento Solimões.

Olha o Negro, mar ingente,
Que em busca do Solimões,
Corre manso, docemente,
Num encontro de tritões.



Correm doce, suavemente,
Lado a lado e sem mistura,
E o “Encontro das Águas” dura,
Para regalo da gente.

E juntam-se logo adiante,
Num abraço genial,
Pra formar o colossal
Amazonas, um gigante.

Olha o Negro, mar ingente,
Que em busca do Solimões,
Corre manso, docemente,
Num encontro de tritões.

Lar de mil formas de vida,
Nessas águas pardacentas,
Muitas vidas alimentas,
Labuta gente sofrida;

Nestas pardacentas águas,
Do Boto namorador,
A Natureza, de dor
Chora e o ribeirinho, as mágoas.

Olha o Negro, mar ingente,
Que em busca do Solimões,
Corre manso, docemente,
Num encontro de tritões.

LINDA FLOR QUE OUTRORA VI

Ó Musa, porque me ignoras?
Apraz-te acaso demoras,
Sabendo que aspiro a ti?
Bem vejo aí onde moras,
No bosque etéreo de Floras,
Linda Flor que outrora vi.

Dessa imagem, doce amiga,
Que a saudade urde e castiga,
O Bosque etéreo esqueci?
Ledo engano – o peito o diga –,
Pois minh'alma só mitiga,
Linda flor que outrora vi!

Mas se demoras assim,
Verás que brota o jasmim,
Do Bosque que nos sorri;
E uma saudade sem fim,
Que punge dentro de mim,
– Linda flor que outrora vi.

À BEIRA DO LUMEJE

À beira do Lumeje, sento contigo,
Em sonhos que não deixam fenecer,
Saudades de um ditoso entardecer,
Em que o peito, à paixão, dei por abrigo.

De amor, meu coração, pobre mendigo,
Por muito que me cuide oferecer,
Jamais outro o fará tanto incender,
Como o faz o amor teu, que inda mitigo.

Não há de ser feliz quem não se entregue,
Ou peque por se dar a um só cuidado,
Mas este é, por perder-te, o meu castigo.

Não sei o que da sorte me é guardado,
Mas sei que há de este amor morrer comigo,
Quiçá, na paz soturna do jazigo.

A FLOR DO BOSQUE

da mensagem a uma amiga


Quão diversas são as flores,
Cheias de saudosos ais,
Que despertam mil temores,
De vê-las nunca, jamais!

São flores da primavera,
Que tiraste da paisagem,
E mandaste... Ai, quem me dera...
Quem me dera a da mensagem.

Flor de sonho, de quimera,
Que me embala em doce aragem,
E quisera – ai, quem me dera! –,
De amor, secreta mensagem.

Oh! que mensagem ditosa!
Ó mensagem perfumada...
Trazes mais do que da rosa,
Perfumes da minha amada.

Mais que a açucena alvejante,
Dama do campo entre as flores;
Mais que o lírio exuberante,
Dos bucólicos amores;



Mais que o jasmim perfumado,
Que em sonhos de pastorinha,
Perfuma o amor encantado,
Dum príncipe e sua rainha.

É a flor da primavera,
Que tiraste da paisagem,
E mandaste... Ai, quem me dera...
Quem me dera a da mensagem.

Chegou-me só uma a mim
E mais não hei de querer!
Valha esta por um jardim,
Vale mais que outra qualquer!

E se essa que mereci,
Tanto enleio despertou,
Quero agora, flor, de ti,
O aroma que aqui chegou.

Uma flor da primavera,
Que tiraste da paisagem,
E mandaste... Ai, quem me dera,
Essa flor... a da mensagem.

A LÁGRIMA QUE JURO BEIJAR

Ditoso o dia, ditosa a graça,
Singela, humil, ditosa poesia,
Prenhe de dor e melancolia,
Que uma lágrima desprender faça,
Do olhar teu, cerúleo como o céu,
Profundo como o mar...

Gota pura, do olhar assomada,
Que da rósea face, ao rolar, roce
Teu níveo colo onde mais se adoce,
Que é já doce como a alma agitada,
Do olhar teu, cerúleo como o céu,
Profundo como o mar...

E juro-te, ó doce, jovem bela,
Que dos seios teus Humedecidos,
Quais rociados abrolhos floridos,
Da roseira rorida, singela...
Eu juro-te e ao céu, ao seio teu,
Tal lágrima beijar.

A MINHA TERRA É BELA

Ai, que a minha terra é bela!
Como é bela a minha terra,
Nas ramadas à janela,
Na verde alfombra da serra.

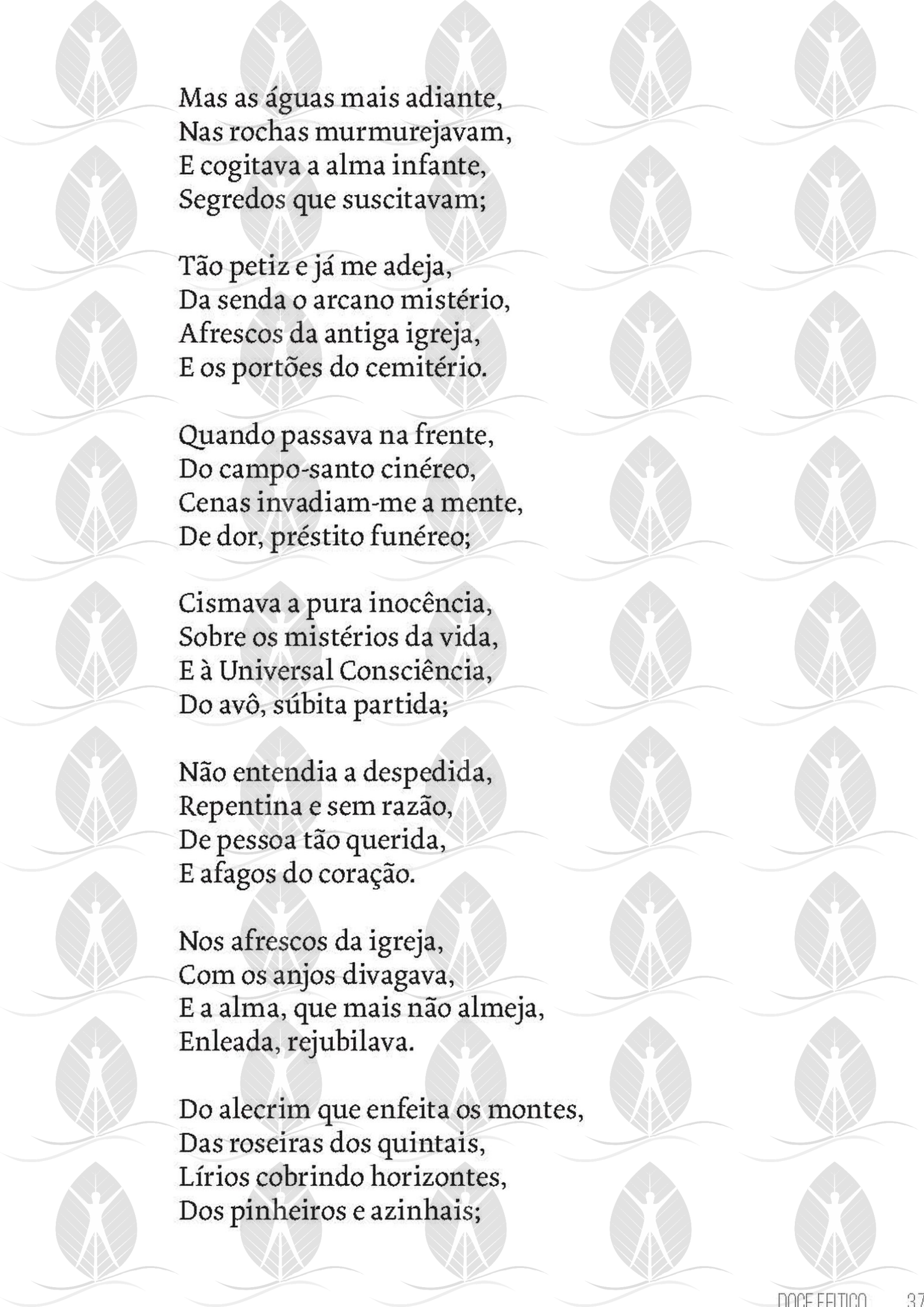
A minha terra é mais bela,
Do que todas ao redor,
E se alguém não gostar dela,
Não há de encontrar melhor.

Muito amo o que lá deixei,
Casas rústicas de pedra,
As ruas em que brinquei,
E o solo onde o cardo medra;

Amo as calçadas ao léu,
O céu bordado de estrelas,
As fragas fitando o céu,
E os voos que alçava ao vê-las;

Amo a fonte onde quebrei,
O velho cântaro de asa,
E esses anos que brindei,
Nos mimos de nossa casa.

Nas frescas águas do Calvo,
Era a ponte, a brincadeira,
Com cênicos pulos do alto,
Sobre a lenta corredeira;



Mas as águas mais adiante,
Nas rochas murmurejavam,
E cogitava a alma infante,
Segredos que suscitavam;

Tão petiz e já me adeja,
Da senda o arcano mistério,
Afrescos da antiga igreja,
E os portões do cemitério.


Quando passava na frente,
Do campo-santo cinéreo,
Cenas invadiam-me a mente,
De dor, préstito funéreo;

Cismava a pura inocência,
Sobre os mistérios da vida,
E à Universal Consciência,
Do avô, súbita partida;

Não entendia a despedida,
Repentina e sem razão,
De pessoa tão querida,
E afagos do coração.

Nos afrescos da igreja,
Com os anjos divagava,
E a alma, que mais não almeja,
Enleada, rejubilava.

Do alecrim que enfeita os montes,
Das roseiras dos quintais,
Lírios cobrindo horizontes,
Dos pinheiros e azinhais;



No ar, respira-se a fragrância,
Que a brisa, lânguida espalha,
Aromas doces em abundância,
Que perfumam Santa Valha.

E quando o inverno chegava,
Dealbando telhas e montes,
A folgança lubricava,
Na neve de Trás-os-Montes.

Como é bela a minha terra,
E encantos que lhe perdi,
Os mistérios que ainda encerra,
E a infância que lá vivi;

Eu quero a santa terrinha,
Porque outra não há mais bela,
Se desta gosto, amo a minha,
Eu quero morrer, é nela.

A MORTE DO POETA

Noite soturna, borriços esparsos,
Na solidão do aposento sombrio,
Corpo descansa de um homem de brio,
Jaz a esperança desfeita em pedaços.

Pesarosa, olhar vago, doces traços,
Inconsolada em solto desvario,
Do pranto desmedido ao corpo frio,
A Musa desfalece em mil abraços.

Súbita passagem das ilusões,
É trágica certeza desta vida,
O cerrar doloroso dos caixões.

Mas se é do poeta a dolente partida,
Deixa ilusão, quimeras que plantou,
Leva suspiros, sofrer que o sagrou.

MEU MAL E DESVENTURA

Falece-me a vontade ao descompasso,
Na senda a cujo fim tanto me apresso,
E anelo do porvir o que careço:
Embalos no langor do teu regaço.

Tropeço na desdita do que faço,
E faço do tropeço o meu empeço,
Mas que sonhos feneço! Não esqueço
Que a sorte, essa maldita, marca passo.

Sentido destes males e cansaço,
Louco, vacilo sim!, mas não'smoreço!
Recomeço outro e outro recomeço,
No infortúnio, à porfia do fracasso.

Não há quem deste mal atine a cura,
Sina minha, meu mal e desventura!

MINHA ALMA CHORA


Eu padeço mor tristeza...
Padeço e minh'alma chora!
No ar sisudo e olhar tristonho,
Espelha-se o imo medonho,
Da tristura que em mim mora.

Ó alma, ó pura, não chores!
Se da dor, ousar sorrir,
Como é graça da pureza,
Expurgas toda a tristeza,
Que é tempo da vida fruir.

És meu pedaço de Céu,
Onde eu busco inspiração;
És minha única ventura,
Nesta vida de amargura,
Neste insano mundo cão!

Se ilusões não mais me afagam
Combalido coração,
De cenho vivo cerrado,
Nas agruras do passado,
Na ingente desolação.

Minha vida é pesarosa,
Os dias longos e amargos;
Minhas noites são de breu,
Sentidas como só eu,
Sinto na alma só embargos;



Mas tu és como a andorinha,
Insonte, livre e linda,
E ais que te escapam sentidos,
Os prantos dos desvalidos,
Só te lustram mais ainda.

Quero os bálsamos divinos,
Que a alma cristalina alcança,
Pois pós esta ou nesta vida,
Afago-te alma querida,
Que és redenção e esperança!

FANTASIA

Vejo-te sobre o leito desnuda,
Entre alvos lençóis de pura seda,
Quando, ao suave toque da mão ruda,
Pejam-te as faces qual labareda.

Da tua nudez acerco-me e beijo,
Beijo e afago a pele nacarada;
Cubro-te de beijos e desejo,
A doce e casta nudez de fada;

E nos lábios meus Humedecidos,
Pelo néctar de nossos enleios,
Vejo enrugar-te os intumescidos,
Rosáceos botões dos lácteos seios.

Ao peito cinjo-te em forte abraço,
E desfruo no doce abraço teu,
O ardor sublime do teu regaço,
Divina graça de alçar ao céu;

E ao penetrar-te as carnes que dais,
Ao prazer da volúpia infinita,
Escapam-se-nos gemidos e ais,
Ais e gozos que a lascívia invita;

E quando no fragor da paixão,
Da luxúria, a seiva derramar,
Carinhos e suspiros verão,
Cegar-me no brilho do teu olhar.



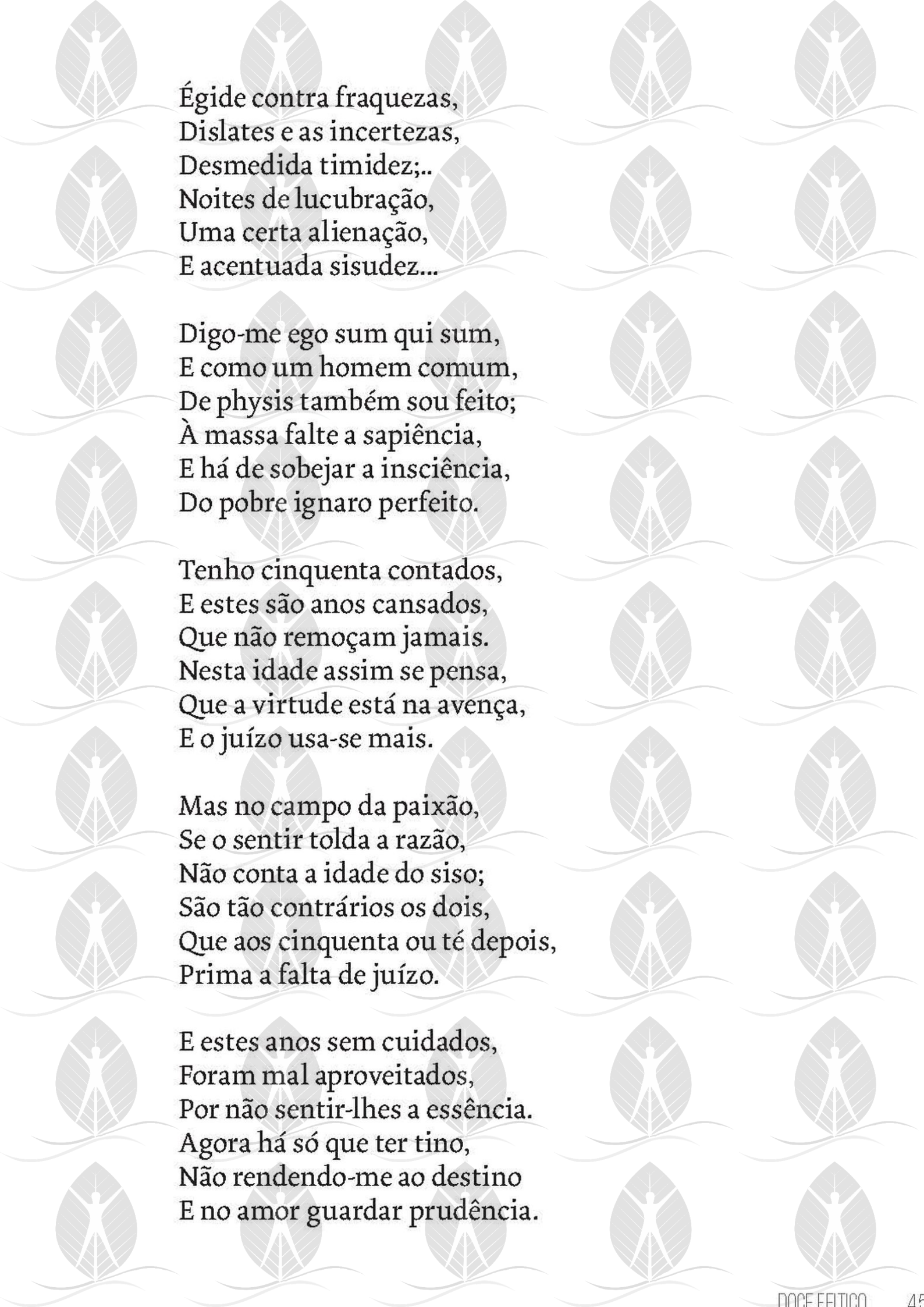
É TARDE!....

De guedelha encanecida,
Já me teimam cãs da vida,
No agrisalhar-me das fontes.
Harto tronco e de porte alto,
A vaidade eu não exalto,
Nem me pecham brutamontes.

Se Narciso não cultuo
E em desfiles não atuo,
À vaidade quero mal?
Não! A holofotes avesso,
Timidez encaro e venço,
Em apelo literal.

Não que seja tão letrado,
Pois seria até pecado,
Querer literaturar;
A elegância é tão somente,
Discreto modus faciendi,
De tentar-me superar.

Discrição é que me guia,
Nos atos do dia a dia,
No afogar da empolgação.
Dionisiacos momentos,
Trazem-me arrebatamentos,
Mas cinjo-os ao coração.




Égide contra fraquezas,
Dislates e as incertezas,
Desmedida timidez;..
Noites de lucubração,
Uma certa alienação,
E acentuada sisudez...

Digo-me ego sum qui sum,
E como um homem comum,
De physis também sou feito;
À massa falte a sapiência,
E há de sobejar a insciência,
Do pobre ignaro perfeito.

Tenho cinquenta contados,
E estes são anos cansados,
Que não remoçam jamais.
Nesta idade assim se pensa,
Que a virtude está na avença,
E o juízo usa-se mais.

Mas no campo da paixão,
Se o sentir tolda a razão,
Não conta a idade do siso;
São tão contrários os dois,
Que aos cinquenta ou té depois,
Prima a falta de juízo.

E estes anos sem cuidados,
Foram mal aproveitados,
Por não sentir-lhes a essência.
Agora há só que ter tino,
Não rendendo-me ao destino
E no amor guardar prudência.



Só vislumbro o meu passado,
De mil lêmures permeado,
Em mares de solidão.
E enquanto me esquece a parca,
Singra esse mar minha barca,

À tristeza dando a mão.
Sou batel de desvario,
Num mar aziago e sombrio,
Ao sabor do desatino.
E eflúvios de um peito ardente,
Se os inalo docemente,
Mais se apresta o meu destino.

Como a brisa é pressurosa,
E é curta a vida da rosa,
Assim urge a minha sorte.
Já me nevam os cabelos,
Debalde tantos desvelos,
Prenúncios da linha... o corte.

Quanto mais o amor seduz,
Mais se me oferece a cruz
E o caminho do calvário.
Não posso dar-me a caprichos,
É tarde para enrabichos,
Já vislumbro o meu sudário!

APÓS, SENHORA, SÚBITO SUMIÇO

Após, Senhora, súbito sumiço,
De indigna vossa causa sem justiça,
Inflama-me, destarte, injusta liça,
Contrária à natureza de um magriço;

Se contrário vos sou e não submisso,
É porque o meigo afeto que a alma atija,
Deli-se na aridez de vossa omissa,
E no interesse espúrio, o mais remisso.

Pois posto que vos tenha em tal conceito,
Se bem cauto, hei dar asas, à porfia,
Porquanto não me agaste vossa incúria;

Mas cuidai... Que à solércia não me afeito,
E que não punge mais como pungia,
Em meu peito, o querer de tal lamúria.

AQUELE BEIJO

De dentro dessa púdica armadura,
Onde íntimos desejos enfenece,
Definhas, ó pudente, porque esqueces,
Que o amor é benção, doce ventura.

Quebrou-se-te a defesa co'a lisura,
Dos lábios com que tanto me enalteces,
E o beijo, qual desmaios mil celestes,
No peito ainda bate e me tortura;

Se dos afagos teus priva a saudade,
Vesano, tristemente, hei de viver,
Ou da sorte, apiedada, hei de morrer;

Porque pungir o peito de ansiedade,
É morrer louco, aos poucos, lentamente,
Ou doce... Nos teus braços, docemente.



BASTA!...

Basta!, de tanta dor, tanto sofrer,
Má sorte, fado triste, meu destino;
Das dores deste vórtice intestino,
Rebusco do passado o merecer.

Caminho e não vislumbro o alvorecer,
E a dor que me acompanha de menino,
Desdita do errabundo peregrino,
É breu que desatina, é meu viver.

Mas é do fado triste a pura essência,
Da prole, o padecer dorida ausência,
Amargor que em minh'alma dessocorre.

Nascem sonhos e morrem como o mar,
Que na areia da praia a esparramar,
De vago, escuro e fundo, espuma e morre.


DO MAL QUE ORA PADEÇO

Folgue quem puder dizer,
Não ter-se deixado arder,
Nos meandros de uma paixão.
Quando nos fada a ventura,
Sopram ventos de loucura,
Que assolam o coração.

Caí já nessa cilada,
Quando alguém pela calada,
Inflamou-me ao desatino.
Deus! Como há de o pobre crente,
Render culto à Fé ardente,
Nos reveses do destino!

Chorei lágrima contida,
Que na tristeza da vida,
Chorar purga o coração.
Foi uma dor desmedida,
Foi tamanha chama ardida,
Foi lacrimar da paixão!

Paixão é sofrer ingente,
Desatina incontinenti,
E por dentro faz sangrar;
Quanto mais rubra a paixão,
Mais chagado o coração,
Mais lágrimas a prantear.



Enquanto a chama crepita,
Languescce o peito e se agita,
Em euforia e ventura;
Mas a chama mais ardente,
Extingue-se num repente,
É fogo de pouca dura.

Enquanto dura o romance,
É tudo rosas, elance,
Um mar de gozo e ventura.
Mas o sentir mais fremente,
É fugaz e inconsequente,
Consome-se em desventura.

Paixão é doença latente,
Que queima o peito da gente,
Que dói a quem vacilar!
Se é mal, pode ser também,
Inferno e céu para alguém,
Só outra a pode expurgar!

Ora vivo em fantasia,
E feneço na agonia,
De ninguém me dar apreço;
Como cantar de alma aberta,
É tudo que resta ao poeta,
É do mal que ora padeço!

EFÊMERA VENTURA, TRISTE FADO

Efêmera ventura, triste fado,
Infância que dos Lundas d'sabrochou...
Oh! torrão, que o destino me privou,
Noutra pátria em desterro inconsolado.

Êxul por mal de algum mortal pecado,
Devoro da esperança o que restou;
Solitário, nostálgico e assim vou
Bebendo o amargo fel do condenado.

De terna, doce mãe, na sepultura,
Lágrimas de saudade, mar profundo...
E da prole, a lonjura que amargura.

Vagando novas terras, outro mundo,
Despido de esperança e de ventura,
Carrego a morbidez do moribundo.

O DOM DIVINO

Minh'alma plange em farto pranto,
Na arte sublime com que rogo,
À musa triste o desencanto,
Das tristezas em que me afogo.

Da musa triste doce canto,
Queixumes, nênias dolorosas,
São êlance com que alevanto,
Do tímido, preces estuosas;

Que de preces se alimenta a alma,
Como o pão alimenta o corpo,
E na ânsia que me turba a calma,
Rogo eterno, etéreo conforto,

E rogo a graça, o dom divino,
Dos manjares da inspiração,
Com que sublimo o desatino,
Ao desatinar da razão;

E se atendida minha prece,
Que do fundo da alma se eleva,
Cantarei aos ventos a benesse,
De cantar tudo o que me enleva.

“Se canto, meus males espanto”;
Diz a sábença popular,
E nênias que canto e descanto,
São males que devo espantar.

Mas atinado em tal cuidado,
Nem só de males são meus prantos;
Na ventura, desventurado,
Não vejo em tudo desencantos.

Deus me desse o divino dom,
Da arte sagrada da poesia,
E arvoraria em doce tom,
Homem, natureza e harmonia.

Eu cantaria o amor fugaz,
Que o poeta vive a lamuriar,
E o rosicler que a aurora traz,
Ao romper de Febo, o alumiar,

Pois é pujança de arrebol,
Num céu de purpurina cor,
Que seja albor ou pôr do sol,
Nos brinda com tal esplendor.

Eu cantaria o negro manto,
Do breu da noite sem luar,
Lágrimas de dourado pranto,
Chuva estrelada a cintilar;

E naquelas outras mais formosas,
Pelo luar de prata banhadas,
O astro de auréolas majestosas,
Cantaria pelas madrugadas.

O mar imenso e as calmas ondas,
Não deixaria de cantar...
É onde a Lua em suas rondas,
Mira a vaidade ao se espelhar;

E o mar ingente das procelas,
Ao canto doce das sereias?
Os corpos nus das ninfas belas,
Que brincam nas finas areias?

Meliádes, Napêias e Hamadríades,
Os mares, os rios, os montes,
Nereidas, Náíades e Dríades,
Os vales, os bosques e as fontes;

(Oh, Ninfas! Quão doces e belas,
Sob os tecidos ondulantes,
Aos meneios dos lindos corpos,
Que as diáfanas vestes mal cobrem...)

O doce canto das sereias,
No mar ingente, salso mar,
Ou na procela em que as nereidas,
A Camões viram naufragar;

Não há quem não cante a alma pura,
O céu, a terra, vida e morte,
Os elementos e a desventura;
Um meigo olhar, a própria sorte...

Do prado, as auras perfumadas,
E a delicadeza da flor;
Da rosa, as pétalas rociadas,
E os suspiros de um grande amor;

Os vergéis doces, perfumados,
E o mago encanto da floresta,
Mistérios a serem cantados,
Da natureza sempre em festa.

Mas morreria se não primeiro,
O olhar puro da face bela,
Fosse eu cantar por derradeiro,
Da virgem e jovem donzela.

Viçosos jardins de criança,
Meus campos de verdes alfombras,
Onde brindei a minha infância,
Das altas mangueiras, nas sombras;


Formoso e claro céu de anil,
E alvas areias à beira-mar,
São da infância saudades mil,
Saudades que ensejo guardar.

Tudo cantaria e quisera,
Quisera eu na lira cantar,
Embora singela quimera,
Sonhos de fazer enlevar.

E o poeta? Oh!... Esse, coitado...
Insana mente, alma confusa,
Louco, perdido, o pobre-diabo
Desdenha a dor e sagra a musa...

O que a alma obumbra na agonia,
Se lhe pesa e turba a consciência,
Expurga o poeta na poesia,
Como as almas na penitência.

Destarte, meu cantar, enfim,
Ao poeta e ingente paixão,
Com que se entrega a celebrar,
A lira por adoração;



Destarte, meu cantar, enfim,
Ao poeta e inata vocação,
Para expiar os males sem fim,
Que lhe pungem o coração,

Que ora a vida canta e dá graças,
Ora o seduz a lousa e canta,
Pois onde inumam as carcaças,
Do eterno consolo se encanta.

Nova vida será cantada,
Depois que a alma insonte, alma pura,
Para além da chama apagada,
Deitar em paz na sepultura!

Desse-me Deus essa ventura,
De um canto, derradeiro canto,
Como ao cisne na desventura:
O extremo arquejo, último pranto...

Desse-me Deus essa ventura,
(dom sublime, divino dom),
E calaria acerba amargura,
Que trago na alma... Pois sou bom!

O TROM E A VENTANIA

Gesto brejeiro à luxúria impelia,
Colo nevado onde abrolhos arfavam...
Tesos e trêmulos que ais suspiravam,
Gozos infindos, prazeres que hauria!

Dos seios tímidos, que ânsias sorvia,
Aos rosados botões que se enrugavam!...
E trêmulos e tesos suplicavam,
Gozos abaixo de onde eu os bulia.

És do belo, a divina inspiração,
E em teu corpo o viril se me perdia,
Nos meneios da suprema excitação.

Foste em meu sonho o trom e a ventania,
Passaste célere como um tufão,
Deixaste os “ais” de quando te possuía!

OS PRAZERES DE ANA

Oh! Que funesta sorte, triste fado,
Da lúbrica fraqueza, a sina humana...
Dos ninhos de prazer, luxúria emana,
O lupanar, doce antro de pecado.

No leito de lascívia perfumado,
Onde enlouqueço em teus abraços, Ana,
Entregas alma e corpo à lide insana,
Por vil tinir de mísero trocado.

Nas festas em fulgor, à luz fulgente,
Ou luz frouxa aos delírios de uma orgia,
Tulipas de prazer, gozo estridente;

Mas quando te seduz a fantasia,
Tiras dos deleites o pagamento,
Que dá-te o próprio corpo no momento.

À TUA MEIGUICE

*(No beijo da despedida, és sonho;
depois, no sonho, pareces real)*

Quando, bela e cauta a mim te chegas, paixão,
E dos lábios teus, suave beijo se desprende,
Ai! Todo o meu ser se eletrifica, se acende,
Minh'alma pega fogo, meu corpo é tição;

E quando, na doçura do olhar teu me enleio,
Ou de teus bálsamos, no aroma me inebrio,
Eu não sei se sonho, não sei se fantasio,
Não sei se real serás, ou mero devaneio.

Quando ontem me abraçaste e ao peito te cingi,
Lânguido e doce beijo que nos permitimos,
Do ímpeto da paixão que espertaste e não fruímos,
No calor da tua boca, louco me perdi...

Oh! Amor! Como abrasa e dói este pecado!
Insano abrasa e dói, mas não por ser impuro,
Por ser do coração, ser do sentir mais puro,
E de espontâneo e amente, é casto, acrisolado.

No calor da tua boca, louco me perdi!
Foi no calor da tua boca, em sugar voraz,
Que louco me perdi d'ânsia e desejo assaz...
E a meus pés freuiu o mundo... Ai, que tremer senti!

– E louco me perdi... E louco me perdi...

A UMA AMIGA – MINHA FLOR –

*Para ti, flor, que brotaste na aurora da minha vida
e vens agora com doces lembranças,
o meu vespertino perfumar.*

Entre perfumadas flores,
Rosas, lis e outros amores,
Minha mente a divagar...
Como se tépida aragem,
Procurasse na folhagem,
A flor que anelo oscular;

E em devaneio constante,
No peito a chama abrasante,
Sob este ténue luar,
Também a Lua apiedada,
Em meu cismar inspirada,
Minha face vem beijar.

É jardim de meus amores,
Onde hauri flóreos odores,
E alimentei a ilusão.
Minh'alma agora incontida,
No afã da saudade ardida,
Busca a flor desta paixão.


Neste meu jardim d'amores,
Entre perfumadas flores,
Dentre todas, a mais bela,
O teu nome tem gravado,
Tem o teu nome bordado,
A ouro, como uma estrela.

E minh'alma assaz saudosa,
Em plangência lastimosa,
Reluz de contentamento,
Às lembranças assomadas,
De passagens enlevadas,
Que açulam meu sentimento.

São passagens belas, puras,
De sonhos e de venturas,
E esperanças no porvir,
Que à surdina dum momento,
Adejam-me o pensamento,
E acalentam-me o dormir.

Esta saudade incontida,
Acerba a tristura ardida,
Se a alma plange e definha.
Anseio a doce carícia,
De teu afago a divícia,
À desdita sorte minha.

Por cada dia que passa,
Mais uma flor perde a graça
E morre a felicidade.
E em cada folha caída,
Uma lágrima pendida,
Do meu carpir de saudade.



Neste carpir, tristemente,
A Deus, fervorosamente,
Cicio em doce sonido...
Cicia minha alma a prece,
Que do peito teu se apresse,
Rubro bater incontido.

Essa flor és tu, amiga,
És musa desta cantiga,
O cordel da minha lira.
Sobre o vento da fortuna,
E preencha esta lacuna,
Que o peito por ti suspira.

À GENTILEZA DE UMA AMIGA QUE POR TROVADOR ME TOMOU

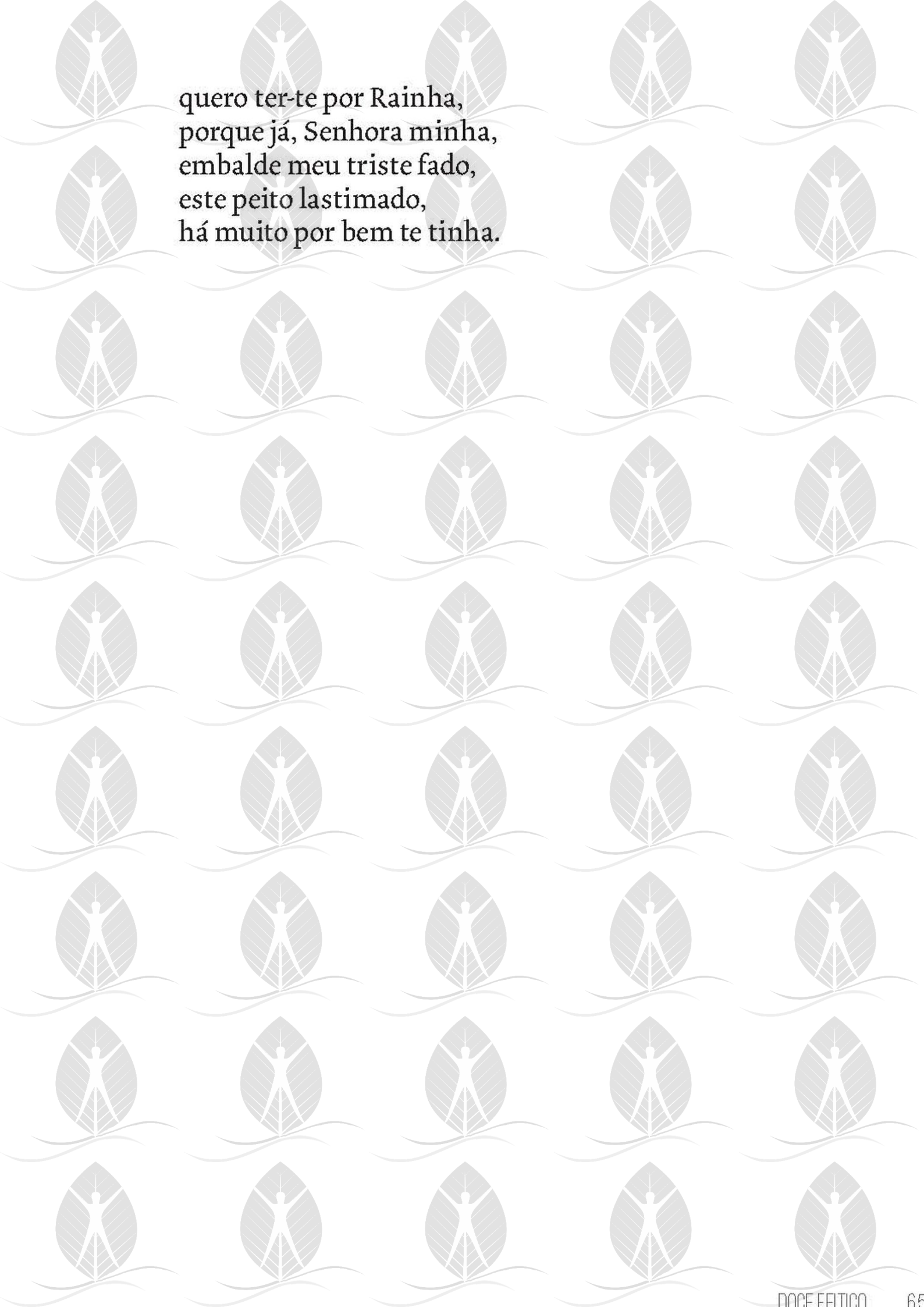
Ó Senhora, amiga minha,
vosso elogio, confesso,
mais teve o poder egresso,
de ufanar-me meramente.

Mas poeta não é somente,
o entregar-se à plenitude
da moral e à solitude,
e tirar de amor's perdidos,
fingidos crebros gemidos,
tal se apreste ao ataúde.

O ser poeta também é,
cultivar o sentimento,
que dais com desprendimento,
sem nada almejar em troca.

Quem – de Deus – o dedo toca,
nesta imensa humanidade,
há de ter a faculdade,
de fazer da prosa o verso,
fazer do homem mais perverso,
paladino da Amizade.

Minha graça é teu favor,
de me teres como amigo,
poder comungar contigo,
tal forma branda de amor.
Se me tens por trovador,



quero ter-te por Rainha,
porque já, Senhora minha,
embalde meu triste fado,
este peito lastimado,
há muito por bem te tinha.

A UMA CERTA MULATA

Avançava já a noite,
Sob o claro luar de prata...
No relógio a meia-noite,
E à janela bela gata....

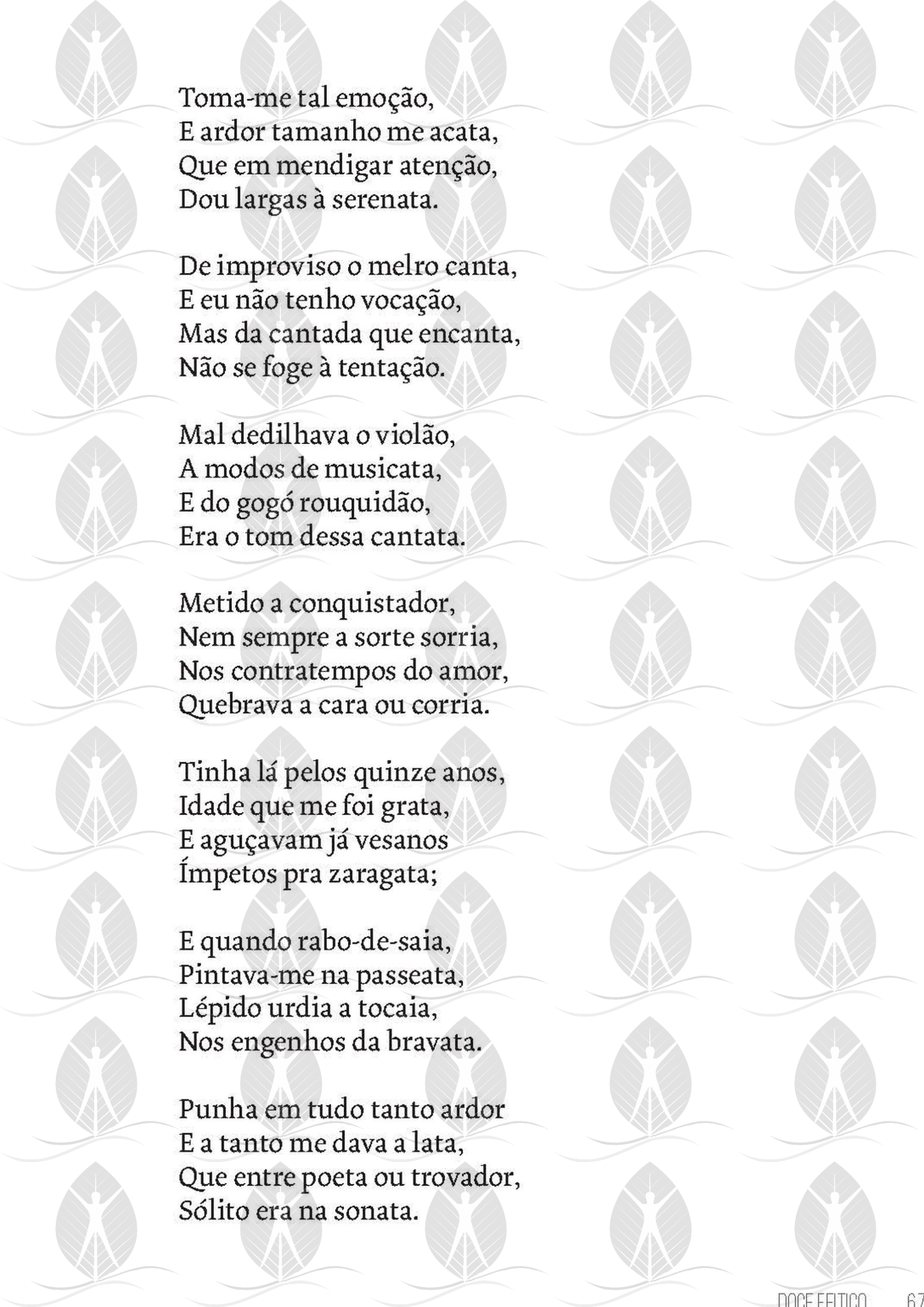
Caminhava eu descuidado,
Em descuidada girata,
Quando me topo esbarrado,
No olhar doce da mulata.

Momento súbito e azado,
Que da sorte ora festejo,
Numa folga do meu fado,
Sempre ingrato e malfazejo.

Um olhar tão puro e meigo,
Meigo olhar que me abrasou,
Como o sol que cega o leigo,
Como a mim ela cegou.

Eu perdi-me no olhar seu,
No brilho que chamejou,
E nos luzeiros do céu,
Com que a noite Deus bordou.

E, oh! Rendido à ninfeta,
Logo a beleza arrebatou,
De tão bela Julieta,
Um Romeu nefelibata.



Toma-me tal emoção,
E ardor tamanho me acata,
Que em mendigar atenção,
Dou largas à serenata.

De improviso o melro canta,
E eu não tenho vocação,
Mas da cantada que encanta,
Não se foge à tentação.

Mal dedilhava o violão,
A modos de musicata,
E do gogó rouquidão,
Era o tom dessa cantata.

Metido a conquistador,
Nem sempre a sorte sorria,
Nos contratempos do amor,
Quebrava a cara ou corria.

Tinha lá pelos quinze anos,
Idade que me foi grata,
E aguçavam já vesanos
Ímpetos pra zaragata;

E quando rabo-de-saia,
Pintava-me na passeata,
Lépido urdia a tocaia,
Nos engenhos da bravata.

Punha em tudo tanto ardor
E a tanto me dava a lata,
Que entre poeta ou trovador,
Sólito era na sonata.

Sempre fui meio tineta,
Mas não é de boa nota,
Se o argumento é de escopeta,
Mais são é poupar a nata.

Ossos do ofício! Coitado
De quem a tais lides ata,
Ir à caça e ser caçado,
Por certa causa imediata.

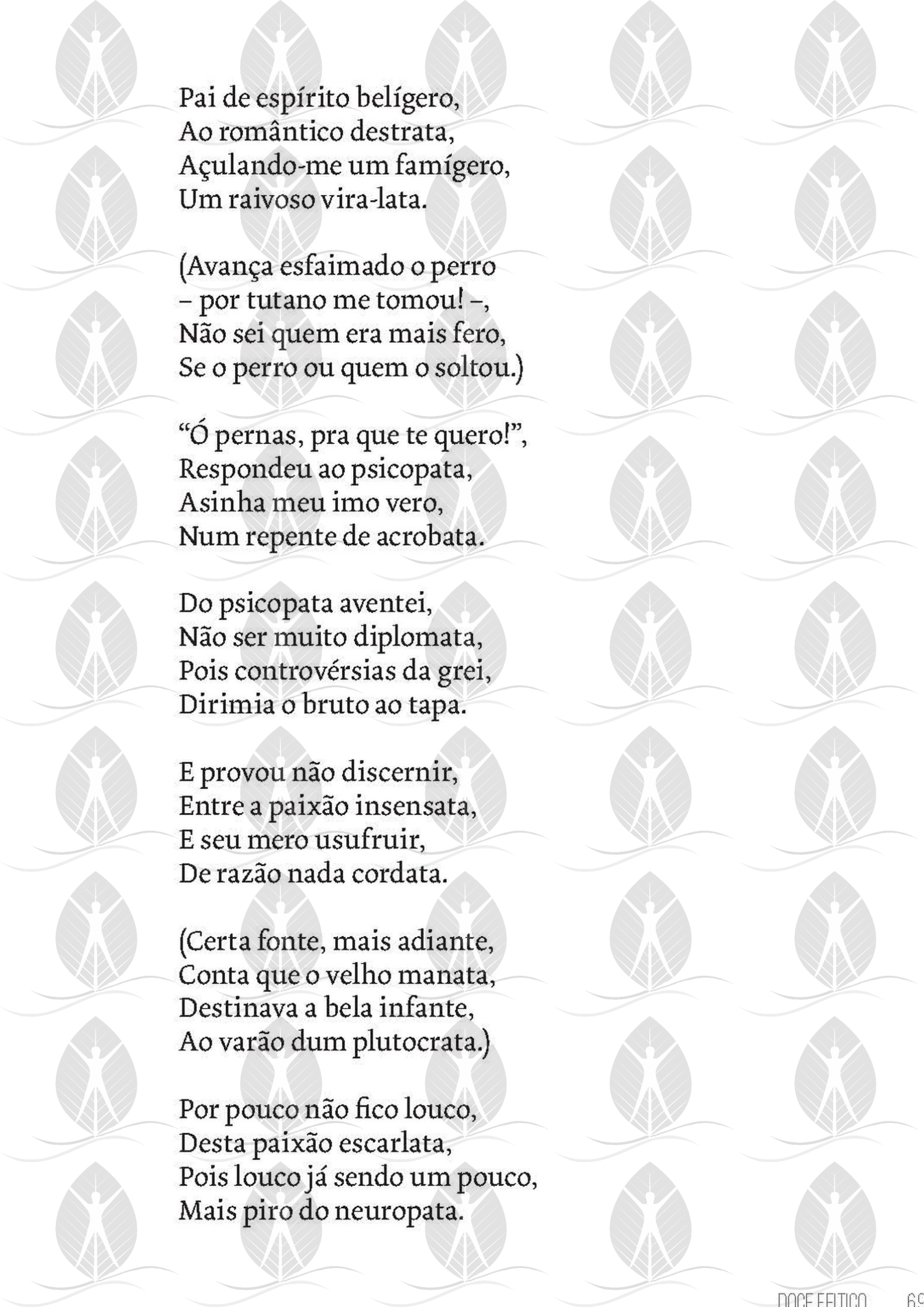
E assim foi que dei à sola,
Sob as vistas da mulata,
E de um peso na cachola,
Que o irado pai me arremata.

Um vaso de belos cravos,
Que do alto quase me mata,
Lançado com tais agravos,
Em minha pobre omoplata.

(Por que raios, má fortuna,
Teria eu de descobrir,
Essa tal de gravidade,
Que desce em vez de subir?)

(Desdita da minha sina,
A sorte de mexilhão,
Da Física a lei provei,
No lombo a demonstração.)

Mas, iracundo e obstinado,
Em dar na paquera um jeito,
O caretão aloprado,
Não se dá por satisfeito.



Pai de espírito belígero,
Ao romântico destrata,
Açulando-me um famígero,
Um raivoso vira-lata.

(Avança esfaimado o perro
– por tutano me tomou! –,
Não sei quem era mais fero,
Se o perro ou quem o soltou.)


“Ó pernas, pra que te quero!”
Respondeu ao psicopata,
Asinha meu imo vero,
Num repente de acrobata.

Do psicopata aventei,
Não ser muito diplomata,
Pois controvérsias da grei,
Dirimia o bruto ao tapa.

E provou não discernir,
Entre a paixão insensata,
E seu mero usufruir,
De razão nada cordata.

(Certa fonte, mais adiante,
Conta que o velho manata,
Destinava a bela infante,
Ao varão dum plutocrata.)

Por pouco não fico louco,
Desta paixão escarlata,
Pois louco já sendo um pouco,
Mais piro do neuropata.



De santo não tenho nada,
Mas mereço melhor sorte,
Que ter a perna jantada,
Numa queixada de morte.

Ao fim de boas pernadas,
Avante do fuça-chata,
Lá me livre das dentadas,
Na peia que se desata.


Fera luta em que logrei,
Canídeo couro à chibata,
Desancar, e desanquei
Após renhida savata.

(Se com mal o mal se cura,
Dei-lhe a cura do isopata:
Ao cão dei na cornadura,
Pra amansar-lhe a fera nata.)

Destarte a janta fugia,
Ao arraçado vira-lata,
Que em minha canela via,
Suculenta funçanata.

Pós, fui noutra freguesia,
Qual pregador eleata...
Mas em vã filosofia,
Não se conjura a bagata!

E perambulei sem tino,
Buscando vida pacata,
Mas refém de vil destino,
Só dor almejei sensata.



Infortúnios lamuriando,
Desta minha vida ingrata,
Sem norte vaguei, errando,
No pisante de alpargata.

Andei tentando esquecer,
Da mente a funesta data;
Noutras fontes fui beber,
Do ópio em cálice de prata.

(Se não há nada melhor,
Pra curar uma paixão,
Do que nova paixão-mor...
Procurei-a, mas em vão!)

Assolou-me inté curar,
Numa dose quanto basta,
As mágoas com Curare,
Remédio de ação vasta.

(Há certo desassossego,
Que pro peito sossegar,
Se punge, o melhor arrego,
É Curina do Curare.)

Mas um dia, o coração,
Que inda palpita e maltrata,
Incendeu-se ante a visão
Sublime que se formata:

Pensabundo e descuidado,
Qual errante nictobata,
Caminhava inda cismado,
Na funesta sina inata,

Quando – feliz acidente! –,
Bafeja-me sorte grata,
E vejo-me de repente,
No olhar doce da mulata.

Leve, levitei! Rendi-me
Ao sorriso da gaiata;
Faceira, ai!, ela sorri-me,
Encanta e o peito dilata.

Mas que momento sublime
Duma emoção que colmata!
Não há poesia que rime,
A paixão que me arrebatá.

Em sorrisos se define
E em desculpas se retrata;
Dos lábios da bela Aline,
Doce diálogo se reata.

Fitava-me o olhar profundo,
Puro e meigo de uma oblata,
E eu prometo-lhe este mundo
E mais o outro, se me acata.

Roça a cútis ambarina,
Num abraço que nos ata;
E um matiz de purpurina,
A alma tinge, estupefata;

Química nos faz refém,
De reação imediata:
Aquele que sobrevém,
Vil desejo, tão primata.



Não me é dado descrever,
Porque faltam-me engenho e arte,
O imensurável prazer,
Que me possuiu a esta parte.

Já falei do terno olhar,
com que meiga me fitava;
Mas... E a boca doce e fresca,
Com que, ávida, me beijava?

Não há modos de esquecê-la,
E à emoção que nos possuía.
Minha boca sorvia a dela,
E a dela a minha sorvia.

E nessa orvalhada noite,
Duma pracinha pacata,
De dossel para pernoite,
Serviu a rama da mata.

Ora dedilham meus dedos,
Desta feita, outro violão,
Corpo doce e seus segredos,
Mais doce do que um torrão.

Avançava já a noite,
Sob o claro luar de prata,
No relógio a meia-noite,
E na grama a minha gata...

AMOR QUE POR SI SÓ SE ACRESCENTA

Ando, Senhora, tão doudo por vós,
Que sendo desamor o que me dais,
Posto que amor, terei que dar por dous,
Hei deste modo, amar-vos inda mais!

Quando o amor, se alevanta muito em nós,
Inda que em prantos e outras cousas tais,
De tanto eu vos querer, há de ser, pois,
Há de sobejo ser, será de mais!

Amor que por si só, tal se acrescente,
É contrário de broto desmedrado,
Que cisma em solo sáfaro crescer;

Não é brando! Que neres o alimento,
Será cálido, imenso, apaixonado,
Qual este que a mim teima endoudecer!

QUANDO EU PARTIR...

Deste plano hei partir, talvez primeiro,
Mas não chore o amor teu por meu finar,
Que o céu, se cá na terra podes dar,
Do além, terás o meu por derradeiro.

Saudades deste amor, puro braseiro,
Que possam-te das faces resvalar,
Às rosas que na campa irás deixar,
Regará o teu orvalho, em meu canteiro.

De carpir tão intenso sentimento,
Onde mágoas o amor sói afogar,
Venturas na lembrança guardarás;

E mistérios do além, se são alento,
Às almas que refulgem no cessar,
Não chores, amor meu, que irei em paz!

SOMBRAS DA NOITE

Das sombras da noite, ao romper do dia,
Frio corpo, lágrimas soltas velam;
E do leito fúnebre à lousa fria,
Delíquios e prantos, a paz debelam.

Mãe desconsolada, mãe desditosa,
Ao filho que perde na flor dos anos,
Cinge o corpo lívido, já saudosa,
Desfeita em soluços, brados insanos.

Pobre mulher! Langor que a tez lhe banha,
Retrata a lancinante e viva dor,
Da chaga que o decesso fez tamanha;

E a desolada mãe, em seu estertor,
A Deus, a vida torva que fenece,
Oferece, suspira... E desfalece.


DIZEM-ME QUE É CEGO O AMOR

Dizem-me que é cego o amor,
Mas há de haver um fulgor,
Que lhe atice a rubra chama;
E ignescências da paixão,
Adoçam o coração,
Aos caprichos duma trama.

Romântico e descuidado,
Fui do cupido alvejado,
Ágil frecha ao peito armada.
Pois essa musa canora,
Que tento esquecer agora,
Inda abrasa na calada.

Jovem bela e de alma pura,
De um sonho meu de ventura,
Qual sortilégio do amor,
Em sonhos ergue seus véus,
À afrodisia dos céus,
Pra meu prazer e langor;

E eu, por ter sido confiado,
Caí nesse emaranhado,
Das coisas do coração.
Foi armando vil cilada,
Que a desdita, malfadada,
Incendeu-me de paixão.



Mas a paixão é contrária,
Quando medra solitária,
E não preenche a solidão;
E depois o que mais resta,
Desta armadilha funesta,
Que não seja frustração?

De antemão sei que não tem,
Solução para ninguém,
Que padeça deste mal.
Enganando-me entrementes,
Queimo nas chamas ardentes,
Do fogo dessa vestal.

- “Ninfa dos campos ufanos,
“Lagos e bosques arcanos,
“D’angélica ilha d’amores,
“Sacia meus beijos famintos,
“Que no aromático Arintos,
Afogo-me em desamores”.

SE DE AMOR EU TE FALASSE...

Se me falasses de amor,
Sussurros ao pé do ouvido,
Como a brisa traz da flor,
Perfume suave e o somido,

Da ramada dos pinhais,
Eu morreria, querida,
De suspiros e de ais,
Peito inflamado e alma ardida!

Eu morreria, querida,
Num sono etéreo de poeta,
Dos que no seio da vida,
Da Musa o seio completa,

E de pétalas rosadas,
Teu corpo nu e “candice”
Cobria, se o amor das fadas,
Humano amor consentisse.

SENHORA, AO MOTE RUDO A CONSOLAR-VOS

Senhora, ao mote rudo a consolar-vos,
Apelais sem qualquer comedimento,
E entregais ao desprezo e esquecimento,
Os ais que suspirei ao cortejar-vos.

Deslustrais quem de longe inda quer dar-vos,
Na tertúlia virtual deste momento,
A afeição do mais puro sentimento,
Que a paixão tem por fim o de afagar-vos.

Ímpia chibata em mão tão delicada,
Que intenta em infligir-me cruel castigo,
Não farás da mancada deste amigo;

Dor mor não há, nem mais desatinada,
Que da musa o encerrar-se a inspiração,
Que ver-me a vossos olhos, vil truão.

VI-TE, DOCE, DAQUELA VEZ PRIMEIRA

Vi-te, doce, daquela vez primeira,
Quando à noite, de sonhos a alma plena,
Derramando-se a lua, alva e serena,
Acariciar-te ousou, a tez trigueira.

Quis tocar-te a nudez, jovem faceira,
E sentir-te o calor da cor morena,
Amar, rir e chorar, lúbrica cena,
Perder-me no gozar da brincadeira.

Tu fugias-me lépida e ridente,
E do fogo em que eu ardia de desejo,
Minha alma escravizada, corpo e mente.

E num repente, oh! Trêmula e ardente,
Entregas-te à volúpia, doce ensejo,
E eu... Despertei! Sonhava, simplesmente.

TEUS OLHOS AZUIS, TEU CABELO LOURO

Teu clar'olhar e teu cabelo louro,
Radiantes como o sol da primavera,
Nas auras perfumadas, ai, quem dera,
Ter-te ciciado este amor duradouro.

Segredos mil de amor, mudo tesouro,
Calavam-me no peito vil quimera,
E mais cego de amor, mais já do que era,
Ceguei-me no céu claro e na cor do ouro.

Em momentos de encanto, horas amenas,
Tentei amores do meu romantismo,
Mas suspirava-me a alma triste – apenas!

Qual sonho vão nascido em meu lirismo,
Qual dor acerba de sentidas penas,
Cingir-te ao peito meu, é no que cismo.

SE PECADO COMETI, A FAVOR DE CERTA DAMA

Senhora, acaso cometi,
A favor vosso, algum pecado,
Quando, ardente, vos escrevi,
Respondendo vosso recado?

Estou tam triste e desolado,
Desgostoso do que perdi,
Por ter sido por vós usado,
Quando por vós quase morri!

Escusas não cabem aqui,
Que há culpas em vosso pecado,
E na tristura percebi,
Que de tristeza é já meu fado.

Desta feita, mais aprendi,
E não desdenho o aprendizado,
Pois sou na vida o que vivi,
Para mais não ser enganado.

Se do vil é vossa matéria,
Não sois vós nem eu sou culpado,
É, Senhora, a porca miséria!



POR MIM FALAM AS FLORES

Falo tanto, tanto, mas falo aquém,
Do que a noite fala de minhas dores.
Falo-te de sonhos, de meus temores,
Mas o peito cala-se por alguém.

Tanto falo e nada digo, porém,
Por mim falam de sobejo mil flores;
Silentes e quedas falam de amores,
E mais alto falam e mais além.

Se é d'amor que se enleva o pensamento,
Ao fresco aroma, musa vaporosa,
Recebe a que te dou neste momento,

E se é dos amores, pura e majestosa,
Guarda segredos deste sentimento,
Que no meu peito cala – a bela rosa.

PAIXÃO NASCENTE

Quando o manto de breu que o sol encobre,
Surgir aos poucos sombreando o horizonte,
E o astro da noite que então se descobre,
Do alto inundar-te beijando-te a fronte;


Quando estrelas em pranto a cintilar,
Que o véu da noite espalha e tremeluz,
Qual ouro em negro manto a salpicar
Chuva de lágrimas que o olhar seduz;

Quando lânguida o corpo repousares,
No aconchego dos alvos teus lençóis,
E da magia da noite inundares,
Ardentes sonhos que no ímo constróis;

Quando sentires toda essa magia,
Por dentro sentirás tremer-te o peito,
Com gemidos da minha fantasia,
Com suspiros de um sonho meu desfeito.

São chamas de sentimento nascente,
Um turbilhão de emoções desmedidas,
E que ao vulcão nas entranhas latente,
Exacerba desditas já sofridas;

Querer de sentimento tão febril,
Que manso chega e célere se espalha,
Sentimento inefável, juvenil,
Tão contrário em si mesmo, que a alma orvalha.



Nascido à revelia pra sangrar,
Tais infortúnios em meu coração,
Qual broto já fadado a não medrar,
Por crestado nascer na turbação.

E quando o astro da noite for beijar-te,
Lânguida fronte que doce reclinas,
Queixumes da paixão há de levar-te,
Em lágrimas plangentes, purpurinas.

PRANTOS A MEU PAI

Meu pai, que assim partiste num repente,
Do mar de solidão em que vivias,
Nas dores, atropelos e agonias,
Do vil, súbito mal incompaciente,

Em brando, meigo colo, docemente,
E livre das saudades que carpias,
Repousas ora etéreas calmarias,
Com Deus e tu'Adelaide eternamente;

E aqui, carpindo fique em farto pranto,
A prole d'inconstante e triste fado,
Por orbes longes, de caminho errante,

Até que a fria lousa em negro manto
Se cerre e cale o meu suspirado "ai",
E eu vá juntar-me então a ti, meu pai!


CANTARES DE ESPERANÇA

Ó moça bonita,
De tantos amores,
Que à beira das águas,
Espantas as fráguas,
E cantas louvores.

Teus filhos d'sencantam,
De corpos ao léu;
São filhos da Sorte,
São prantos do Norte,
Um triste labéu.

Um dia virá,
Que esta terra terá,
Só paz e amor.
Um dia virá,
Que esta terra terá,
Só paz e amor.

Ó selva bendita,
De muitos verdores,
Que expurgas as mágoas,
No “Encontro das Águas”,
Num mar de fulgores,



Os brutos levantam,
Machados ao céu,
E em golpes de morte,
Caem fero e forte,
Sobre o verde véu.

Um dia virá,
Que esta terra terá,
Só paz e amor.
Um dia virá,
Que esta terra terá,
Só paz e amor.

Os homens esquecem,
Da vida, o fugaz...
E o mal que se espalha,
Qual fogo de palha,
Miséria nos traz,

Mas um dia virá,
Que esta terra terá,
Só amor e paz.
Mas um dia virá,
Que esta terra terá,
Só amor e paz.

AO PURO AMOR

Senhora desta chama ardida,
Que enlevos a sonhar me dei,
Nos embalos doces da vida,
Quando em vosso olhar me encontrei.


Do romper da alva ao pleno dia,
Ou no apagar da astral fogueira,
Razões de etereal alegria,
Afagam-me sobremaneira.

Minh'alma que da rubra chama,
Em vossos encantos, Senhora,
Encontra abrigo certo e inflama,
Descrente outrora, exulta agora.

Mas exulta e canta o prazer
Da realização dum ideal,
Olhar pro lado e perceber
Que não sois sonho, sois real.

Sim! Canta o crástino prazer
De ufanar-me pela manhã,
Ao despertar e merecer
Letícia doce em vosso afã.

Por isso, amor, devo rogar
Que não se deixe fenecer,
Pois chama deste crepitar,
Eterno será e há de arder,



No puro amor, porque a verdade
Prima a despeito de temores,
E o ceder, crer, pujar vaidade,
Sobrepuja agros dissabores,

Que de perdê-lo se garante,
Porque o amor tem tais faculdades,
De sublimar o semelhante,
E tolerar contrariedades.

É deste amor puro, ardoroso,
Que sinto em mim tão plenamente
Sempre terno, assaz blandicioso
Que dou, darei eternamente.

E há-de sorte nosso destino,
De tanto, ardor tal afogueado,
Fadar o puro amor divino
Ao gozo excelso sublimado.

AS MINHAS FLORES PREFERIDAS

a teus lábios e teu olhar...


Todo o encanto dos jardins,
– Sejam rosas ou jasmims –,
Às flores deve o esplendor...

Tanto encantam nosso olhar,
Que dou comigo a cismar,
Quão divino é seu Autor.

Só a Santa Divindade,
No arrebol do fim da tarde,
Ou no albor do amanhecer,
Pode em tão singelas telas
Amor pintar, flores belas,
Que não sei desmerecer.

Mas aquela que eu mais amo,
Não busco em ornado ramo,
Nem procuro nos jardins.
É aquela que resume,
É certa flor que presume
O encanto dos querubins.

Interroguei os arcanos,
Sobre os encantos ufanos,
De mistérios tão cercados;
E descobri em sua tez
Simpatia e languidez,
Encantos mil cobiçados.




Tais encantos vou cantar,
E o esplendor do seu olhar,
Que me cinge em suave manto.
Eu canto o meigo olhar de anjo,
Aos sons de cítara e banjo,
Das cordas o suave pranto.

E outros encantos também,
Na deidade que contêm,
A doçura ao me fitar;
Dos vergéis o perfumado,
O matiz verde do prado,
Os seus lábios e seu olhar.

Nesse olhar puro e radiante,
Que sorriso cativante
E quanta atração encobre!
É matinal arrebol,
Que apaga o fulgor do Sol,
Quando ao sorrir se descobre!

Mas não há maior encanto,
Que por ele anseie tanto
E mais faça suspirar;
Qual inferno e paraíso,
No desabrochar de um sorriso,
Na loucura de os beijar.

Quanta beleza contida,
Quanta magia sentida
Em seu indizível langor!...
Incendeia-se enleada
A alma d'anseios tomada,
Tropel de afeição e amor.




Quantos gozos e paixões,
Suspirar de corações,
Devem fazer despertar!...
Mil deleites e queixumes,
Aromas doces, perfumes
Que nos fazem inebriar.

– “Revela-me teus segredos,
“Olvida todos os medos,
“Que mais mimos vou colher,
“Mimosos botões de rosa,
“A tulipa mais formosa,
“Pétalas do bem-querer”.

Não aspiro a outros amores,
Tampouco desejo flores,
Dessas colhidas no prado;
Amores eu já vivi,
Flores há muitas por aí,
Mas ‘tou desta, enamorado!

Minhas flores preferidas,
Não são mais as margaridas
E tampouco as belas rosas.
Somente as flores que encimam,
Só aquelas que sublimam,
As linhas gentis, formosas.

Linhas que tão delicadas,
De exímio artesão traçadas,
Não hei de mais encontrar.
Foi com arte e com destreza
Que a ditosa natureza
Se esmerou no seu talhar.



Delicado seio ardente,
Alvo e rosa, intumescete,
Láctea fonte de prazer...
Sorveria ósculos primos,
Hauria o néctar dos mimos,
Dos seus mimos de mulher.

Mimos que embalde buscava,
E porque não encontrava,
Muito me dei a prantear!
Mas agora que encontrei,
Tão mais distante os achei,
Perdido ao me enamorar.

Perdido me enamorei
E assim de todo fiquei,
Mais solitário, a assuntar;
Pois sinto nesses momentos
O ardor de meus sentimentos,
Mais que é dado imaginar.

CONHECER-TE, AMOR MEU, JÁ NESTA IDADE

Conhecer-te, amor meu, já nesta idade,
E ter teu coração com tanto afeto,
É sonho doce, real, sonho concreto,
Como passar do sonho à realidade.

Carinhos que me dás sem veleidade,
Acendem-me o sentir tão puro e certo,
Qual viço em solo rudo, em solo incerto,
Germina meu amor com tal vontade.

Amor é sentir doce, terno e ardente,
Bem-querer sem em troca querer nada,
Mas pode ser carinho, simplesmente;

Amor é flor viçosa e perfumada,
Sem idade, sem cor, mas carecente
Dos desvelos que a fazem cobiçada.

MÁGOAS CRUÉIS E SEMPRE VIVAS

Acalmai-vos, Senhora, que prudente
E seguro é o brando caminhar...
Pois quanto mais asinha se apressar,
Mais há de o tombo ser incompaciente.

Se do ígneo peito meu, lava fervente,
Ao peito vosso, o gelo foi tocar,
Não temais, que a banquisa há de aplacar,
Posto que inda o vulcão freme latente.

Mas se implícitas cousas em missivas,
Olhar lânguido vos hão devassado,
Atentemos, Senhora, quão nocivas,

Em triste coração, triste e magoado,
Porque mágoas cruéis e sempre vivas
Foram plantadas por vosso cuidado.

NA CAMPA DE UM AMIGO


Dedicatória:

*Onde a aragem fresca da campina
'spalha aromas doces e afaga lírios,
À sombra dos ciprestes, sob frio mármore,
Em funérea mortalha jaz um Homem,
Homem justo, fiel Amigo e querido,
Que a paz tão almejada, enfim alçou.
Ao querido e saudoso Amigo meu,
Alexandre Alberto de Oliveira Branco,
Que Deus Pai o tenha e lhe dê no céu
O que aqui, em mistério, lhe negou.*

À campa de um Amigo vim chorar,
Guais de dor e saudades lacrimosas;
– “Desculpa, Amigo, a paz vir-te turbar,
“E lágrimas render-te em vez de rosas”.

De lágrimas meu peito cheio está,
Porque é triste minh'alma e de dor feita;
E o peito se pungia, mais pungirá,
Agora que a esperança foi desfeita;

No meu pranto, que a dor não quer calar,
Imploro ao Pai, em nênia langorosa,
Pela paz que soubeste cultivar,
Mas não fruístes, não viste proveitosa.



Descansa, Amigo! Frui da paz eterna,
Das delícias que o Olimpo te oferece,
E deslumbre da vastidão etérea,
Que de Deus, tua alma justa só merece.

À noite, quando eu olho o firmamento,
E estrelas num tremeluzir infindo,
Há uma que mais brilha e eu mais atento;
– Amigo, sei que és tu, pra mim sorrindo.

QUANDO EU ME FOR...

Quando eu me for, que seja no repente,
De um dia cinza e triste como a morte;
Calar do coração, fremir cadente,
Da vela, a frágil chama ao vento forte.

E enquanto ao tosco pinho o barro cobre,
Ressoar, eu quero ouvir dentro de mim
O fúnebre tocar que se descobre
Na ária chorosa e triste de um clarim.

E se me cresta a flor, quando eu morrer,
Que pasto o solo sirva ervas daninhas,
Tal servirá ao verme o corromper
Das langues, macilentas carnes minhas.

E na lápide tosca o verso heroico,
Me sirva de epitáfio quando eu for:
“Aqui jaz poeta e lira, o Homem estoico,
A desdita, a esperança, um mar de dor”.

NA PONTE DO LUMEJE, O BEIJO QUE NÃO TE DEI

Deixa-me dar-te este beijo,
Há tanto tempo guardado,
Desde a ponte do Lumeje,
Quando amei triste e calado;

Amei-te secretamente,
A medo de ouvir-te um “não”;
Amei-te perdidamente,
Ao âmago da paixão!

Naqueles ditosos dias,
Eras lírio perfumado;
Aos fulgor's do entardecer,
Eras a flor do meu prado;

Eras a flor alva e pura
Dos meus passeios risonhos,
Naquelas tardes benditas
Que ainda me adejam os sonhos;

Naquelas tardes tão doces,
Quando contigo passeava,
A meu lado cogitavas
E eu, louco e mudo, te olhava;

Contemplava enamorado
Silhueta esbelta e fagueira,
A elegância do teu porte,
A tua boca feiticeira

De lábios – oh Deus, que lábios!...
oh Deus, que cerúleos olhos! –,
Lábios mélicos que nunca
Por pudor ousei beijar;

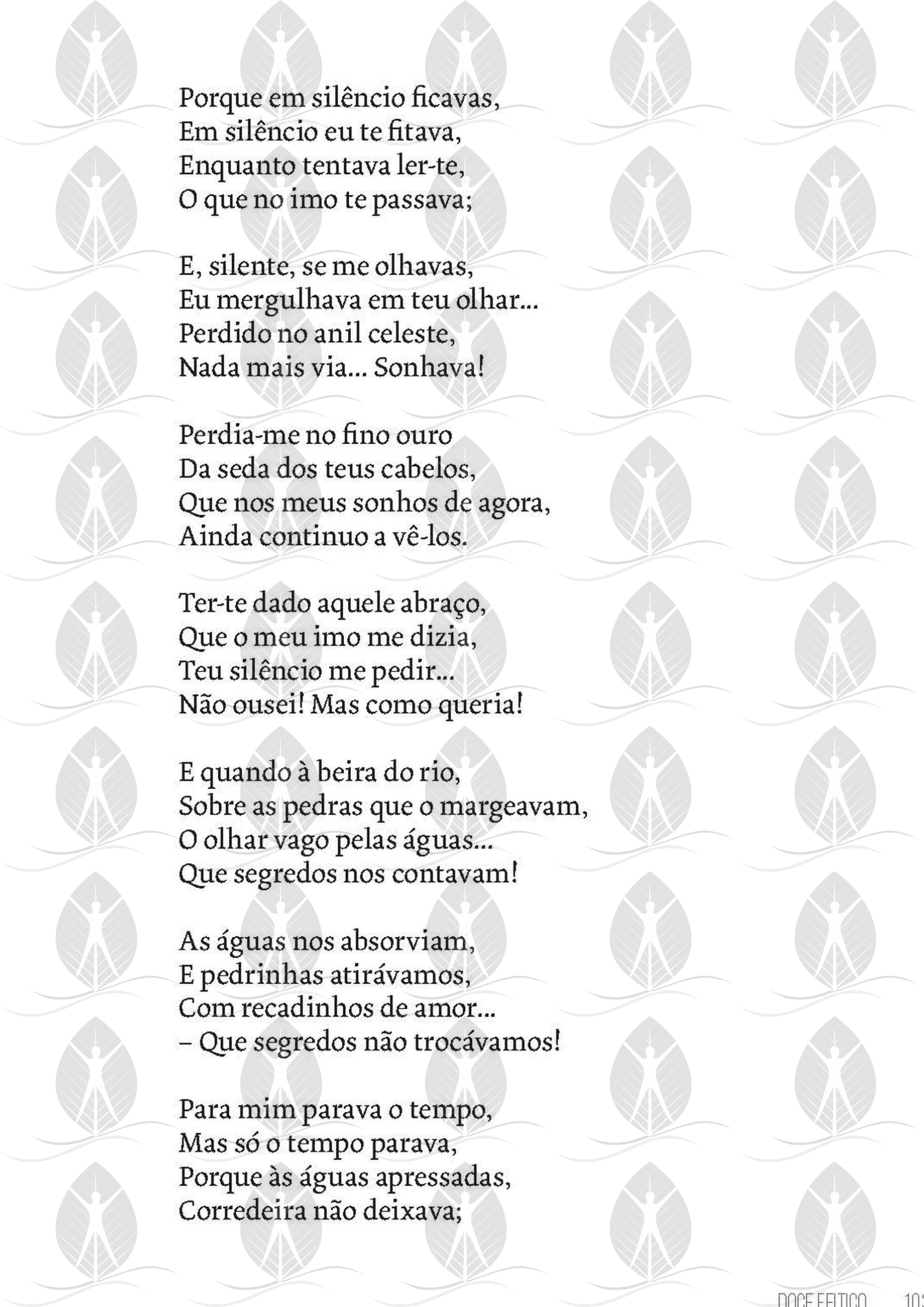
Contemplava-te encantado,
No alto das cel'stiais esferas,
Eras centro do universo,
O próprio universo tu eras.

Nesse enlevo a cismar, quedo,
Tua imagem me perseguia;
Perene de teus encantos,
Por todo lado te via,

Perdia-me em tudo que olhava:
No céu azul me perdia
E ramas que nos cercavam...
Mas só a ti, só a ti eu via!

Quedava como uma lágrima
Que silenciosa caía,
No peito inquieto, agitado...
Mas só a ti, nada mais via!

Esfuziante de alegria,
Morrer queria d'emoção...
E dentro o peito batia,
Exultava o coração!



Porque em silêncio ficavas,
Em silêncio eu te fitava,
Enquanto tentava ler-te,
O que no imo te passava;

E, silente, se me olhavas,
Eu mergulhava em teu olhar...
Perdido no anil celeste,
Nada mais via... Sonhava!

Perdia-me no fino ouro
Da seda dos teus cabelos,
Que nos meus sonhos de agora,
Ainda continuo a vê-los.

Ter-te dado aquele abraço,
Que o meu imo me dizia,
Teu silêncio me pedir...
Não ousei! Mas como queria!

E quando à beira do rio,
Sobre as pedras que o margeavam,
O olhar vago pelas águas...
Que segredos nos contavam!

As águas nos absorviam,
E pedrinhas atirávamos,
Com recadinhos de amor...
– Que segredos não trocávamos!

Para mim parava o tempo,
Mas só o tempo parava,
Porque às águas apressadas,
Corredeira não deixava;

Borbulhavam entre seixos
Murmurejando segredos,
Que o desejo traduzia,
Mandando expulsar os medos;

Eram momentos sagrados,
E tu mais sagrada eras,
Altiva e doce a um só tempo,
Tão bela e jovem, deveras!


Nesses momentos sagrados,
O impuro não aflorava,
Porque eras pura e inocente,
E o próprio vil se expurgava.

Passavam-se horas a fio,
E o silêncio dominava,
Mas quanto mais silenciavas,
Mais a paixão acerbava.

Quantos beijos, quanto afago,
Carinhos que se perderam!
Mas os meus sonhos, de ti,
Ainda não se esqueceram;

Em meus sonhos continuas
Preenchendo a solidão,
Como a Vestal que alimenta
O fogo desta paixão.

És Senhora da minha alma,
Dominas os meus sentidos
E continuas preenchendo,
Os meus sonhos mais queridos.



Minha Sorte sempre adversa,
Culpas peno, porque eu a fiz;
Destino mandou-me ao Luso,
Pra contigo ser feliz.

Mas do Homem há sacrifícios,
Mercê de sorte maldita
E um compromisso fatídico,
Traçou-me a minha desdita;

Agrilhoei meus sentimentos,
E gemidos ouvi então,
Eram suspiros de amor,
Lamentos do coração.

Deixa-me dar-te este beijo,
Que guardo dentro do peito,
Como a flor do amor imenso,
Que descansa em rubro leito.

QUANDO TOMADO SOU PELA SAUDADE

Quando tomado sou pela saudade,
E afagam-me as lembranças do passado,
Festejo os doces dias, sonho alado,
Vividos com tamanha intensidade.

Nostálgica e saudosa mocidade,
Passada de meus pais com tal cuidado,
Embalam-me em anelos reclinado,
Passagens dessa grata tenra idade.

E enquanto à lousa fria não intente,
Na caligem que obumbra a minha festa,
Cismar com meus botões intensamente,

É tudo quanto ao ébrio e a mim me resta,
Porque afloram-me lágrimas ardentes
Aos olhos já cansados e doentes.

NO ÁPICE DE UM MOMENTO

Sou fraco! Mas eu quero os vendavais,
A força que destrói toda a colina,
Que a caligem das nuvens desatina
E d'satine a caligem dos umbrais.

Coragem, quisera eu dos Samurais:
De heroico roborar a minha sina,
E no aço fero da lâmina fina,
Vazar lenta agonia, rubros ais.

A mim, que não me larga vil desdita,
E a chama da esperança já fenece,
Inda há o que contente em meu tormento:

O brado lúgubre da voz maldita,
Que o vento da desgraça espalha e tece,
E a luz obumbra, no ápice de um momento.

A FLOR DA SELVA

a Manaus


A orgia de exuberância
que te cinge e o Negro espelha,
mistério e feitiço espalha,
odor's, singular fragrância.

Das areias marginais,
entre a mata e negras águas,
cresce a flor, a flor das fráguas,
ao som de machados e ais.

Da haste crestada nasceu,
a despeito do acipreste,
e teimosa qual do agreste,
sob o cáustico cresceu.

Se é teimosa a flor do agreste,
mais teimosa a da Selva é,
e é do gentio força e fé
com que à beira-río cresce.

Entre água e mata espremida,
p'la mão rude do alvanel,
dá-se o betão ao cinzel
e novo conceito à vida.



Do tórrido agreste medra,
profusa brenha fecunda,
e nesta selva profunda
troca-se mato por pedra.

Na Amazônia causticante,
da maloca do gentio,
entre a selva e o negro rio,
surge o progresso incessante;

E em nome do tal progresso,
o que a natura constrói,
o latifúndio progresso
a terra invade e destrói.

Inóspito mas fecundo,
ocupado ou devoluto,
sangra e cobre-te do luto
o invasor, vil, furibundo;

E na babel em que obraste
imponente construção,
da marreta armada a mão,
nem dos cacos te poupaste.

A SAUDADE QUE ME MATA

Não há céu, se a saudade o peito punge,
E punge ao coração ingente dor;
Desassossega, agita, dói e ruga
O escravo coração de um grande amor.

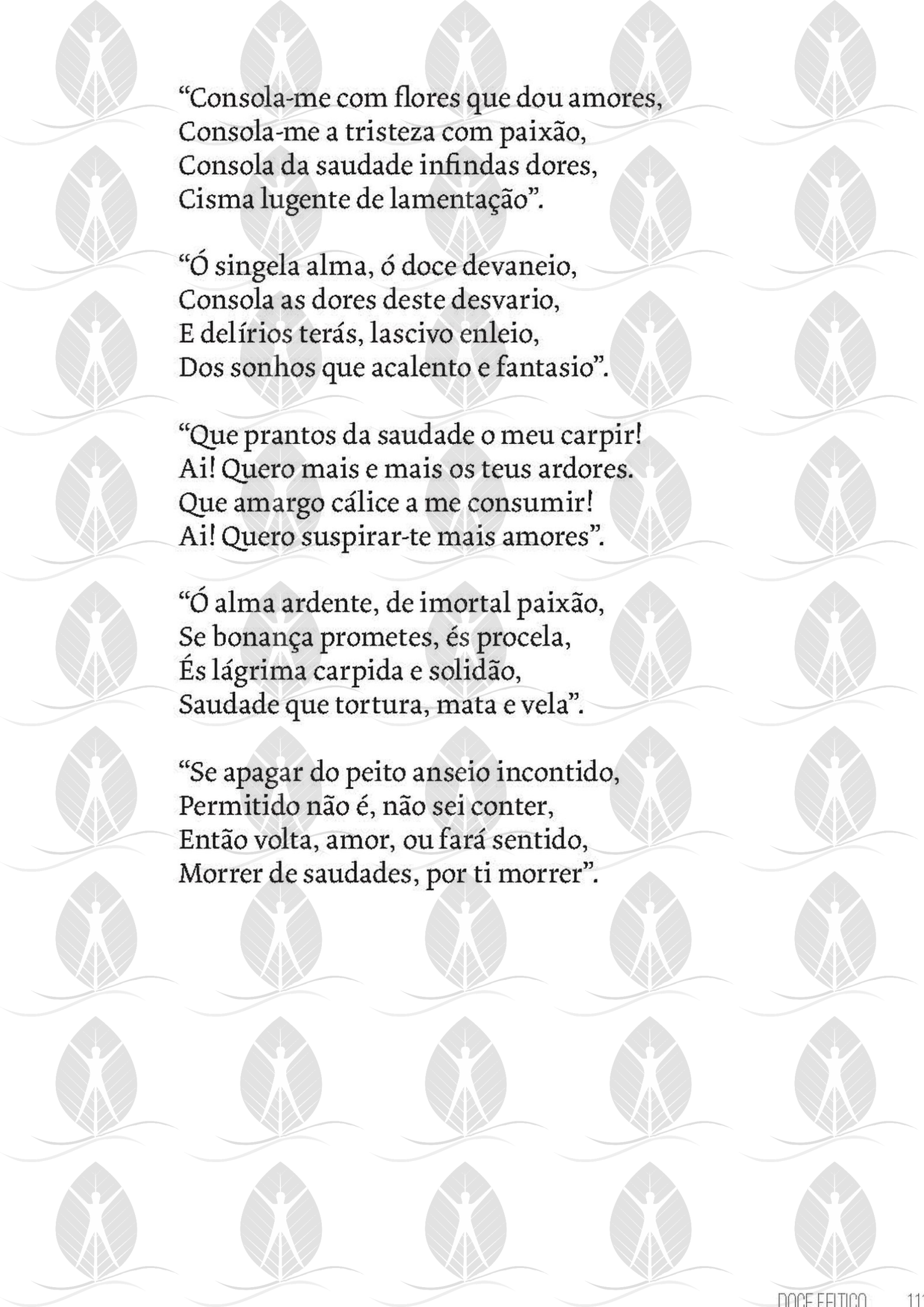
Dos dias venturosos que tecemos,
Naquele insano amor que o peito ardia,
Tivera dos afagos que tivemos,
Um só pra mais arder que arder podia.

Céu flamejante que o espírito eleva,
No trinar doce do raiar da aurora,
Ais canoros de amor que o amor celebra,
Por toda a vida, pela vida afora;

E à noite, sob os lumes cintilantes,
Que o luar de prata deixa lucilar,
Das auras frescas, queixas penetrantes,
Que soem no peito meu, a paz turbar.

A mágica folia de se amar,
Ou dias de loucura e solidão,
São cenas que a razão manda apagar
Duma alma ardente, d'imortal paixão.

– “Oh alma ardente! Ó alma sublime,
Prometes calma e dás procela,
Sentido lacrimar de pranto e lástima,
Saudade que tortura, mata e vela”.



“Consola-me com flores que dou amores,
Consola-me a tristeza com paixão,
Consola da saudade infindas dores,
Cisma lugente de lamentação”.

“Ó singela alma, ó doce devaneio,
Consola as dores deste desvario,
E delírios terás, lascivo enleio,
Dos sonhos que acalento e fantasio”.

“Que prantos da saudade o meu carpir!
Ai! Quero mais e mais os teus ardores.
Que amargo cálice a me consumir!
Ai! Quero suspirar-te mais amores”.

“Ó alma ardente, de imortal paixão,
Se bonança prometes, és procela,
És lágrima carpida e solidão,
Saudade que tortura, mata e vela”.

“Se apagar do peito anseio incontido,
Permitido não é, não sei conter,
Então volta, amor, ou fará sentido,
Morrer de saudades, por ti morrer”.

AMAZÔNIA

Exultante, a natureza,
Mais exulta ao nos brindar,
Com este éden singular,
De tão singular beleza;

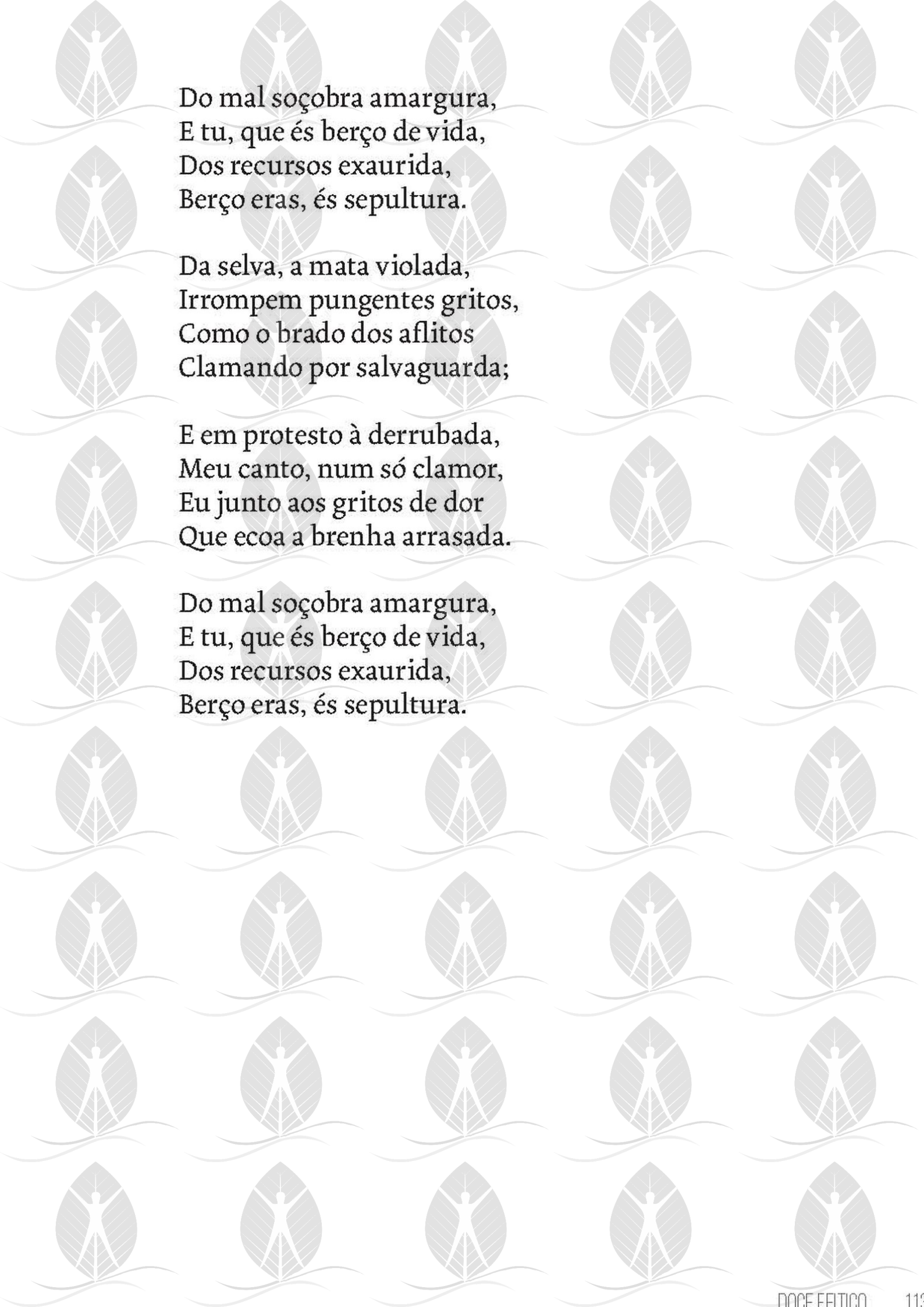
Chamam-lhe pulmão do mundo,
Mas não dão devido apreço,
Por ser um mundo sem preço,
A servir ao latifúndio.

A Amazônia exuberante,
Cheia de encantos ao olhar,
É prenda espetacular
Da Natureza irradiante;

Do capricho divinal,
Que assim mais se manifesta,
A amazônica floresta
É santuário tropical;

Porque aqui tudo se presta
À festa da Mãe Natura
E ao presente de fartura,
Que é o bioma da floresta;

Nela cevam-se a cobiça,
A ganância desmedida
E a rapina a toda a brida,
Como urubus à carniça.



Do mal soçobra amargura,
E tu, que és berço de vida,
Dos recursos exaurida,
Berço eras, és sepultura.

Da selva, a mata violada,
Irrompem pungentes gritos,
Como o brado dos aflitos
Clamando por salvaguarda;

E em protesto à derrubada,
Meu canto, num só clamor,
Eu junto aos gritos de dor
Que ecoa a brenha arrasada.

Do mal soçobra amargura,
E tu, que és berço de vida,
Dos recursos exaurida,
Berço eras, és sepultura.

NÃO CHORES, AMIGA, DO POETA A SORTE

Do poeta, Amiga, não chores a sorte,
Que na lira é cantada, augúrio e fim.
Do poeta, Amiga, não chores a morte,
Que ao descanso da tumba desce, enfim.

Se a rosa o viço perde, perde o porte
E os aromas, assim como o jasmim,
Não há quem mais os queira, quem se importe.
Para quê luto e lágrimas por mim?

Banda, comes e bebes, alegria,
Que seja a grande festa de uma vida,
Tom e mote da minha despedida.

Se da vida saudade não se cria,
E da morte, os que ficam logo esquecem,
Celebre-se na vida os que fenecem.

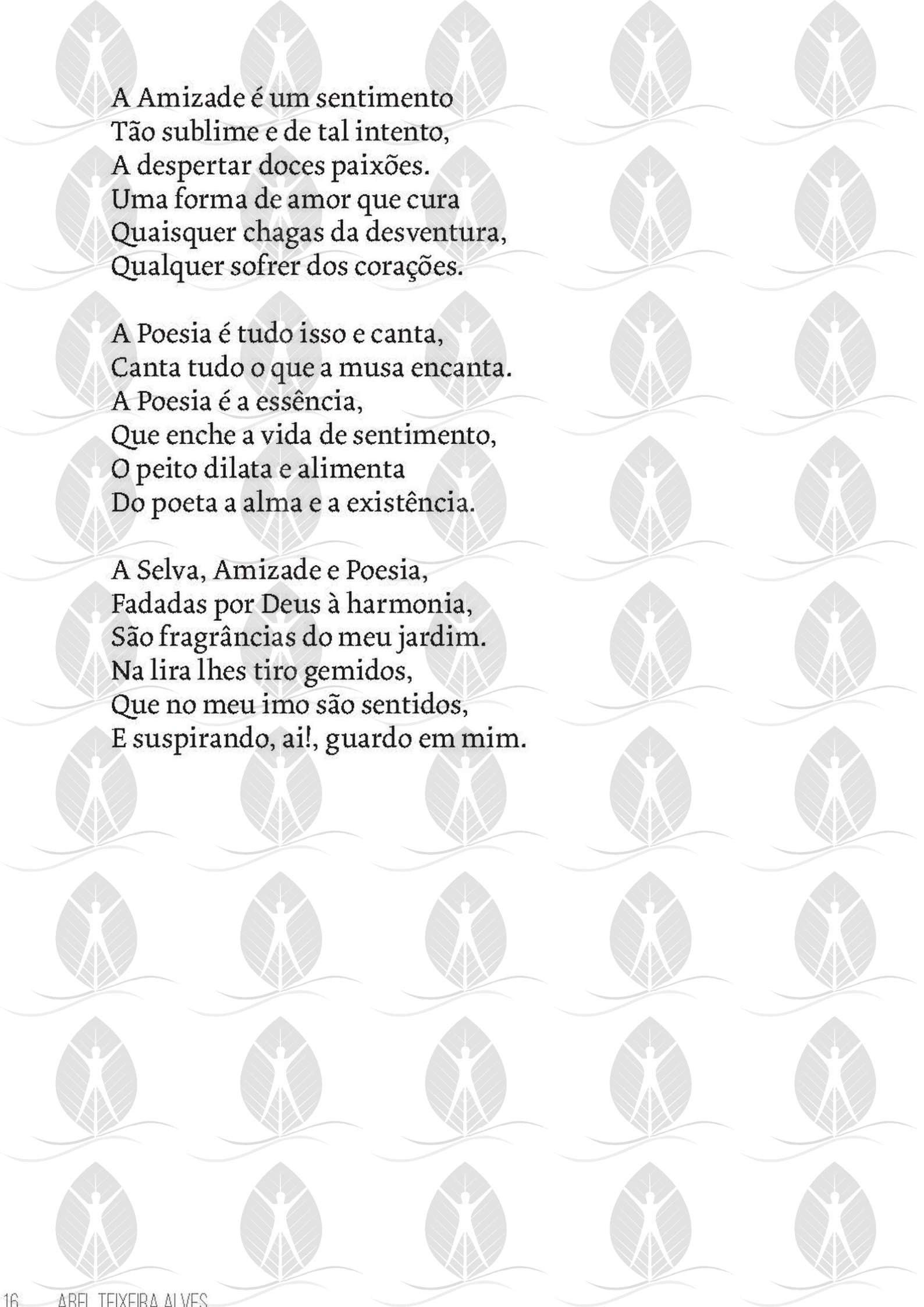
SELVA, AMIZADE E POESIA

Selva, Amizade e Poesia,
Mistério, Paixão, Fantasia...
São vocábulos diferentes,
De nossa língua portuguesa,
Mas da mesma força e beleza
Unindo corações e mentes.

De algumas letrinhas apenas,
São tão fortes e tão amenas,
Que resumem em seu saber
Toda a fragrância e melodia,
Toda a emoção e fantasia,
Que dão razão ao bem viver.

Da Selva, nos mistérios me encanto;
A Amizade é paixão que canto;
E da Poesia a fantasia,
A calar dores e queixumes,
Para adoçar os azedumes,
Dar à vida mais alegria.

Se a Selva é mistério, é poesia,
Encerra também fantasia,
É ninho de muitos amores;
É paraíso de verde manto,
Fonte de magia e de encanto,
Que à natureza dá as cores.



A Amizade é um sentimento
Tão sublime e de tal intento,
A despertar doces paixões.
Uma forma de amor que cura
Quaisquer chagas da desventura,
Qualquer sofrer dos corações.

A Poesia é tudo isso e canta,
Canta tudo o que a musa encanta.
A Poesia é a essência,
Que enche a vida de sentimento,
O peito dilata e alimenta
Do poeta a alma e a existência.

A Selva, Amizade e Poesia,
Fadadas por Deus à harmonia,
São fragrâncias do meu jardim.
Na lira lhes tiro gemidos,
Que no meu imo são sentidos,
E suspirando, ai!, guardo em mim.

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a 'V' shape. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines between them suggesting water or a breeze.

CICATRIZES

Sou do frágil batel, vela sem vento,
Rosa pendida ao vento desabrido,
Ave sem ninho aos rigores do tempo,
Farrapo sou, em lágrimas unguido.

Minha alma é marca viva do tormento,
Das fráguas duma vida sem sentido;
Da ilusão, amargura e sofrimento,
Das dores, o crisol do desvalido.

Inda que a sorte almege mil venturas,
Num mar que as desventuras não se apagam,
Não há quem destas chagas logre curas,

Pois males que a consciência não afagam,
Não busque em cicatrizes consolar,
Que da alma são, não param de sangrar.

A MEU PRIMO IRMÃO ABEL ALVES PINTO

(Poema Póstumo)

Nos flóreos, verdes campos perfumados,
Por lírios onde adejam mariposas;
Nas ondas que se espraíam langorosas,
Ou rugem nos penhascos escarpados;

No Febo chamejante ou céus ornados,
Das claras noites de auras luminosas;
Na brisa matinal que afaga as rosas,
Ou inflige Éolo aos trigais dourados;

Na gente valorosa, raça nobre;
Nos segredos dessa outra dimensão;
No manto azul, enfim, que a tudo cobre,

Tu reinas, meu Amigo, primo irmão,
Como a saudade reina e se descobre,
Onde inconsul, me plange o coração.

O PERDÃO

Alma minha seca, qual murcha rosa,
Eleva-se ao alto em afãs anseios,
Em busca da graça, vida ditosa,
Caminho de luz e divinos meios.

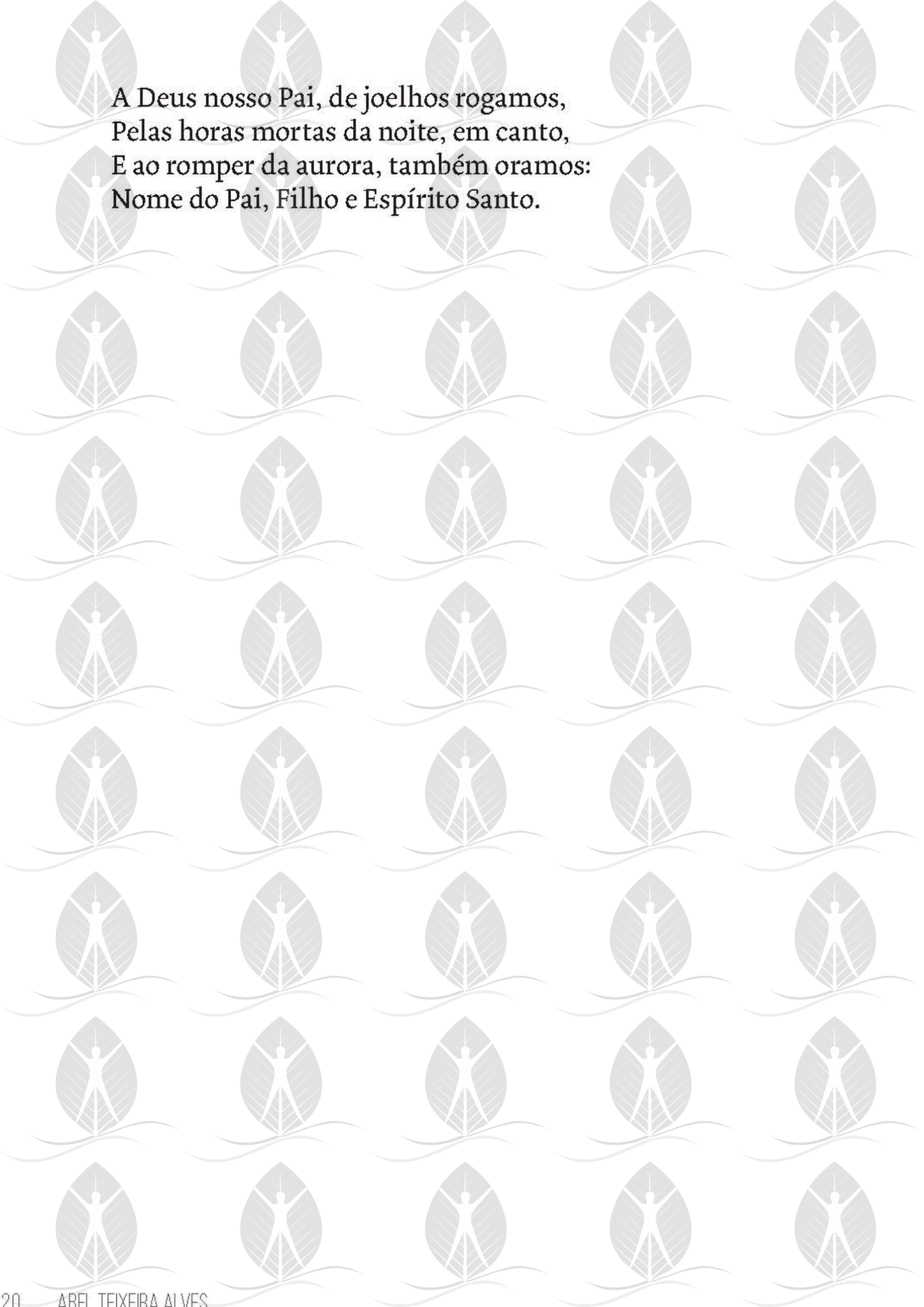
Os meus pensamentos entrego a Deus,
Pedindo perdão por ações impuras,
E chega-me d'Ele, aos ouvidos meus,
Dulcíssimo brado, palavras duras.

No céu, trono de ouro, altar majestoso,
E cercada de anjos, a Virgem Mãe,
Por seus filhos, pede ao Pai poderoso,
E por mim a Virgem pede também.

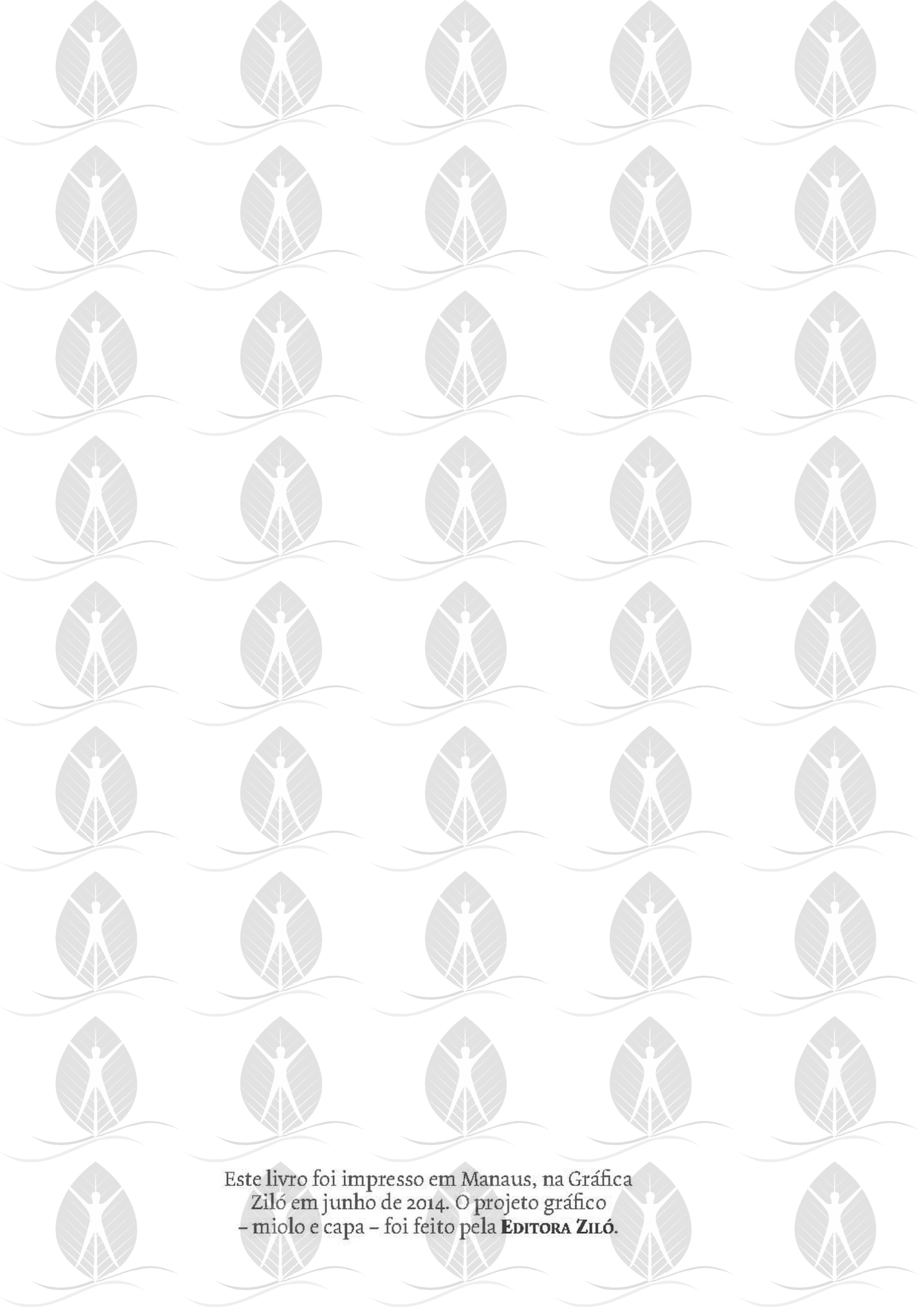
Se da doce Mãe, que ao filho doloso,
Tudo perdoa e por ele padece,
Sorriso aveludado e esplendoroso,
Da Virgem, os lábios ao mundo tece.

E condoído Deus com piedoso pranto,
O braço levanta e nos abençoa;
Agasalha o mundo em divino manto
E aos filhos amados Ele perdoa.

Harpas e trombetas, celestiais árias,
Por anjos tangidas chegam a mim,
E tu, rosa murcha que não florias,
Viçosa agora és no etéreo jardim.



A Deus nosso Pai, de joelhos rogamos,
Pelas horas mortas da noite, em canto,
E ao romper da aurora, também oramos:
Nome do Pai, Filho e Espírito Santo.



Este livro foi impresso em Manaus, na Gráfica
Ziló em junho de 2014. O projeto gráfico
- miolo e capa - foi feito pela **EDITORA ZILÓ**.

Abel Teixeira Alves, português, filho de Adelaide Teixeira Alves e de José Augusto Alves, nasceu a 5 de Maio de 1948, bem no coração de trás Os Montes, no distrito de Vila Real, concelho de Valpaços, freguesia de Santa Valha.

Em Santa Valha, localidade remota e detentora de valioso espólio por onde, outrora, a peregrinação jacobea passava e buscava alento.

ISBN 856540949-X



9 788565 409490

Secretaria de
Estado de Cultura





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA